

BEB-CÓTI — VALENTE GUERREIRO GOROTIRE



ATAQUE MISTERIOSAMENTE FRUSTRADO

Soberbas florestas, qual um tapete de veludo de felpas colossais, cobrem o solo sempre verde do Xingu, no Pará.

Lá dentro a mata é densa, é negra, é misteriosa, muda e traiçoeira. É deslumbrante a selva do Alto-Xingu, bem como terrível. Às vezes a mata é tão sombreada que o dia parece noite escura. O sol não consegue filtrar-se até ao chão, de cerrado que é o teto das folhas.

Não fôra uma clareira que deixava penetrar a luz através do massiço das copas folhudas, de malhas de cipós e trepadeiras, — não veríamos vultos de côr bem escura, varando os mais intrincados apertões de ramagens, à custa de copiosas gotas de suor e arranhões em tôda a pele. Deslisavam vagarosos pela clareira. Sendo o solo da mata úmido e um tanto frio, queriam êles por alguns instantes expor-se aos raios deliciosos do sol que, embora raros, transpunham as copas douradas. Já desapareceram de novo na abóbada infindável da mata tenebrosa.

Quem eram? Seres misteriosos da floresta?...

Eram valentes guerreiros da tribo dos gorotires, cujo reino se espraiava sob os céus serenos e virgens do Alto-Xingu. A buzina, os cantos de amor e gritos de guerra dêles são quase os únicos sons que atualmente têm feito repercutir os ecos dessa impenetrável região.

Da bacia do Rio Fresco, afluente do Alto-Xingu — seu "habitat" secular, êsses selvagens da nação dos caiapós ora avançam para os campos de Conceição do Araguaia, ora espreitam e atacam

os índios de outras tribos para o sul, penetrando até, ocasionalmente, nos campos áridos e solitários do Mato-Grosso. É outrossim muito frequente, sobretudo no verão, que alcancem e vadeiem os rios Xingu e Iriri, em cujas cabeceiras aniquilaram quase totalmente a mansa tribo dos curuaiaes. Extinguiram também cinco malocas de jurunas, os quais moravam em diversos pontos do Xingu. E não raras vezes o seu instinto guerreiro os leva a hostilidades com os diversos povos da mesma nação, como sejam os gorotires, cruatires e dióres.

O índio caiapó está convencido de que a mata inteira lhe pertence. Julga-se rei absoluto da selva. Não teme ninguém, nem as feras da mata nem as insídias dos reptis de que a natureza tropical está cheia. E, como as feras bravias, assimila a vida da natureza, onde nasce, cresce e morre. Livre, independente, não precisa de nada: vestido dos raios do sol, não sente falta, tem tudo...

Reconhecendo a segurança natural do seu território, este filho das selvas é orgulhoso, indômito e feroz defensor de seus direitos exclusivos e de sua liberdade selvagem. Quer a dominação absoluta sobre a imensa floresta. Não admite invasores.

Na época áurea da borracha e castanha, aventureiros de todo o mundo, sequiosos de fortuna rápida, começaram a invadir as selvas. Com armas de fogo investiram contra os surpresos selvícolas de só arco e flecha, praticando naquela floresta virgem numerosas atrocidades, como em 1910, no Ribeirão Vermelho, onde queimaram dois acampamentos de índios que aí viviam pacificamente. À proporção que os invasores avançavam para colher o "látex" e a amêndoa da castanha, obrigaram os selvícolas a recuarem mais e mais para as brenhas. Estes embrenhavam-se, com efeito, porém não se esquecendo nunca dessa injustiça a clamar por vingança.

Sobreveiu depois a queda do preço da borracha; rapidamente despovoou-se a região do Alto-Xingu. Os indígenas exultaram. Agora podiam de novo expandir-se pelas imensas praias, cavando ovos de tracajá, flechando peixe, sem serem perturbados pela presença do "Kuben-krüte".¹⁾

1) Homem de metal



O ENCONTRO DAS ÁGUAS DO RIO XINGU E DO RIO FRESCO

SALVE, SÃO FÉLIX... SEDE NOSSA PROTEÇÃO!

Eis a razão pela qual estes filhos da floresta, embrutecidos e ousados, investiam em direção a um pequeno povoado cristão, no triângulo formado pela confluência do rio Fresco com o Xingu: São Félix. Quando os avistamos passar pela clareira, estavam ainda distantes, faltando pouco mais de um dia de caminhada para alcançar o objetivo de sua façanha.

A mata bruta apresenta, mesmo aos seus próprios habitantes, certas surpresas. Têm de saltar como veados sobre o acidentado terreno, que ora se ergue em morro pedregoso de aspecto pouco convidativo, ora se abre em vale profundo.

Os selvagens, quando preparam o acampamento da noite, juntam um montão de imbés secos para acender a fogueira. Não conhecem fósforos. Produzem o fogo da seguinte maneira: um índio começa por forrar o chão com uma folha seca sobre a qual ele põe um pauzinho que sustém com um pé e um joelho. Com as mãos espalmadas espeda ele, ajoelhado e um tanto debruçado, outro pauzinho vertical, imprimindo-lhe rotação rápida, enquanto o aperta de encontro ao primeiro deitado sobre a folha no chão. Este movimento giratório, feito com muita força, lhe faz descer as mãos ao longo do pauzinho. Repondo-as cada vez na parte superior, tem que parar de vez em quando um instante, para passar a língua sobre as palmas das mãos logo que comecem a ficar requemadas pelo atrito. No fim de alguns minutos, quando o suor já poreja na testa e das costas do aborígene, surge a centelha que, caindo do orifício, produzido pelo atrito entre os dois pauzinhos, se deposita na folha. Logo esta se inflama e serve assim para acender o amontoado de galhos secos. Não tarda muito que a fogueira espalhe forte vermelhão em derredor. Acostumados à vida multifária das selvas, os índios não estranham aquele ambiente tétrico, em plena noite tenebrosa.

Vinte silhuetas nuas surgiram da escuridão noturna, lódas acoradas ao redor do fogo crepitante. Abriram os "bacutus"²⁾ donde tiraram pedaços de carne já moqueada. Comeram com sofreguidão, mal proferindo uma palavra. Sômente quando o último osso estava bem roído, deram-se por satisfeitos. Beberam água cristalina, que tinham apanhado num grotão entre altos rochedos e trazido na taboca.

2) Cestinhos



Depois ajoelham-se ao redor do fogo. Tiram alguns tições chegando-os ao cachimbo. Com a braza perto do rosto, deixavam ver os cabelos compridos caindo por sobre as espáduas, os olhos escuros com as sobrancelhas arrancadas, o nariz achatado, o beijo inferior furado e sustentando um grande disco de pau, o que lhes aumentava o aspecto selvagem e dava à boca traços astuciosos.

A soltar para o céu negro baforadas de fumaça cinza-clara, o grupo palestrava agora animadamente. Um maguari solitário esvoaçava perdido sobre o acampamento. Uma coruja, não suportando o brilho da fogueira, piava lúgubre, como que espavorida.

Que planos secretos projetava o pequeno grupo dos valentes guerreiros? Pretendiam saquear a povoação de São Félix. Só um dia os distanciava de lá. Se não houvesse entre eles alguns que conheciam bem os acidentes locais, ficariam dias e semanas ou até meses nos arredores, explorando o terreno, espiando todos os passos dos seus habitantes, medindo tôdas as precauções a serem tomadas para dar o golpe certo. O bom conhecimento, porém, que tinham alguns do grupo da topografia local, facilitava-lhes a investida consideravelmente.

Fôra Beb-cóti, com mais alguns outros, que em tempos passados penetrara na calada da noite até ao centro da povoação. Fizera ladrar os

OS ÍNDIOS NÃO CONHECEM FÓSFOROS

cachoros, e ainda mais: puxara a corda do pequeno sino da capela — em altas horas da noite, — badaladas misteriosas e quiçá agourelas, incutindo no espírito amedrontado dos pobres moradores um pânico medonho, e isto mais de uma vez.

Quando Beb-cóti relatou aos seus companheiros da floresta esta bravura, todos gargalharam. Em seus olhares brilhava uma onda de feroz cobiça. Amanhã estarão de posse de tudo que houver de apreciável para eles naquela povoação de S. Félix. Aliás, o plano não poderia falhar, pois o poderoso "Oaiangara" 1) que goza de grande familiaridade com os "mecarones" 2) cujas vozes ele entende e sabe interpretar, tinha-lhes prometido o pleno êxito da campanha sinistra.

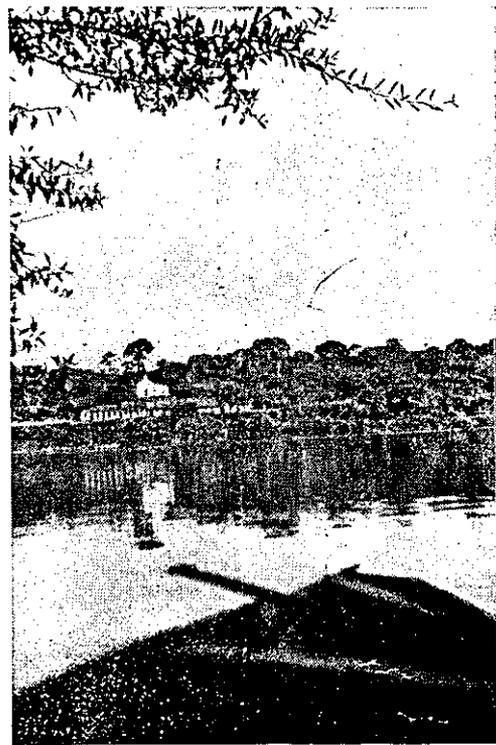
A fogueira iluminava as paredes vivas da vegetação que os envolvia. Estavam agora a deliberar por que lado a investida deveria ser efetuada. Possibilidades de aproximação havia diversas, por uma das quais os guerreiros finalmente se decidiram. Em seguida, deitaram-se no chão, fazendo das folhas um colchão improvisado, e pondo o antebraço debaixo da cabeça, para servir de travesseiro.

Quando os primeiros albores da madrugada penetraram nas frinças das copas cerradas, os índios partiram mata a dentro, um atrás do outro, vergados ao péso dos arcos enormes e dos maços de flechas. Caminharam sem parar, rompendo diques e mais diques do verde massiço. Era só mato alto, fechado em cima, em baixo, e de todos os lados, pelas trepadeiras incontáveis.

A fome já lhes fazia um nó no estômago. Durante o dia de ontem só comeram um ou outro palmito de anajá com mel bravo da jandaira, que vez por outra encontravam.

Já deviam ser as últimas horas da noite, quando os guerreiros gorotirés começaram a subir a serra alcantilada. Escalada íngreme e difícil; ora tinham que pisar em pedras cortantes ardendo como ferro em brasa, ora que procurar passagem na garganta estreita e lamacenta duma grota. Súbitamente, o espaço se abriu em grande clareira, e daí avistaram ao longe as casas de "São Félix", como pontinhos cinzentos na confluência das faixas prateadas dos rios Fresco e Xingu. A pitoresca paisagem se fechava por pequenos outeiros que ondulavam a linha do horizonte longínquo.

À vista de sua presa desapareceu a fome: "amanhã, pois, iriam certamente comer a gostosa farinha dos cristãos, iriam trocar o chão duro por uma rede macia, ... iriam fumar tabaco bom e forte..." Sonhavam como crianças, em tempos de guerra, por todos os presentes imaginários que lhes traria o Menino Deus em tempos de paz.



O sonho de uma comida e dormida melhor, foi abruptamente cortado. Uma figura ereta e majestosa dum venerável ancião, que avultou no topo de uma pedra alta, deixou-os de repente como que petrificados... Nunca tinham visto um ser humano assim. Uma túnica branca caía-lhe até aos pés. Fitavam pasmados a inesperada aparição. Este "mecarone" mexia-lhes nas mais profundas fibras das almas supersticiosas. «Se ao menos o Oaiangara, o seu feiticeiro, os tivesse acompanhado, pois ele sabia conversar com os "mecarones", ... mas gorotire é guerreiro mais valente...» Ligeiro refizeram-se do primeiro susto. A figura no tópo da pedra estava imóvel. Numa confusão de palavras um selvagem animava o outro. "Gorotire quer avançar, não tem medo, quer roubar rifles, comer farinha, tirar..."

O espanto tornou-se maior ainda quando o venerável ancião se erigiu sobranceiro e intemorato, tomando uma atitude sobre-humana, e lhes dirigiu a pergunta: "aonde ides?"

Os maços de flechas e os arcos, as lanças e bordunas, tudo isso demonstrava suficientemente a nefanda intenção dos guerreiros. Resposta não era precisa, e o misterioso ancião não a esperava. Levantou o seu comprido cajado na atitude ameaçadora de quem quer bater sem que tema ser atingido por outrem.

Eles, de sua parte, não querendo passar por covardes nem medrosos, tornaram a animar-se o bastante para empunhar as armas. Seguiu-se, incontinenti, o brioso brado: "Gorotire, valente guerreiro..., não fuge diante de homem sem rifle..., borduna 3) é pau mais pesado!..." Uns já esticam os arcos para fazer voar as flechas, outros levantam com ambas as mãos o pesado tacape 4) para esmagar o crânio do ancião misterioso...

1) O feiticeiro da tribo. 2) Espíritos dos defuntos. 3 e 4) Espécie de clava dos índios.

UMA SOMBRA PROVOCANDO ESPANTO

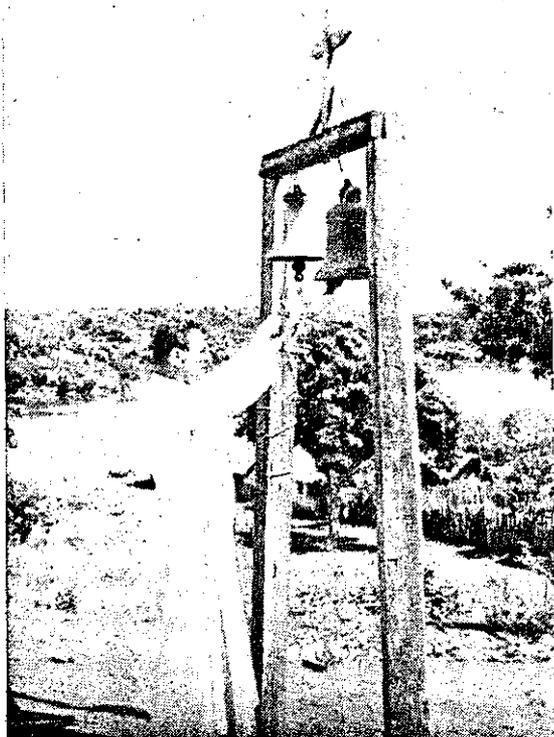
Era por volta de quatro horas da tarde. Os raios causticantes do sol tropical iam diminuindo. Do nascente vinha, acariciante, uma aragem carregada de odores vegetais da floresta próxima.

Lá, do Morro da Graça, em cima do qual fica a capela do Santo Protetor dos cristãos, vinha descendo o missionário. Ele mesmo, de batina branca, mas quantas vezes salpicada de barro vermelho, é que dirigia lá a construção da ermida de São Félix. Era para isso, o bem espiritual do seu povinho que vive como que insulado no vale amazônico e a conversão dos índios que por lá perto se encontram aprofundados na escuridão do paganismo, que o sacerdote missionário tinha ido àquelas longínquas paragens do sul do Pará. Debaixo da batina branca — o seu povo sabia-o — palpitava um coração cujo anelo contínuo é o progresso do seu rebanho xinguen-se. Vivendo pobre como os próprios habitantes daquele imenso interior do Xingu, era uma toca choupana ao mesmo tempo igreja, escola e moradia para ele e seus auxiliares, os irmãos leigos. E-lhes — além de padre — médico e engenheiro, mestre de escola e orientador social.

No século do descobrimento do Brasil, Anchieta agrupava em torno de si, em Piratininga, os filhos da floresta, ensinando-os a amar a Deus. O missionário solitário do Alto-Xingu, ardente venerador do grande mestre da catequese nas selvas brasileiras, aspira a tornar-se outro Anchieta para os pobres que lhe foram confiados, esperando poder contar com auxiliares compatriotas.

Ao lado da capela de São Félix levantava-se uma torre primitiva, feita de dois esteios e ligados no alto por um madeiro transversal donde pendia um sino muito pequeno; torrezinha essa sendo o único ornamento que distinguia a ermida cabana das outras choupanas.

O missionário puxou o cordão e a voz fina da sineta foi voando sobre as cobertas cinzentas de palha, convidando as crianças à aula da doutrina cristã. Lá vinham elas, acudindo de todos os lados, umas analfabetas, outras esfarrapadas, todas pobres. Em pouco tempo, uns trinta meninos e meninas estavam sentados nos bancos



Mas, coisa inaudita:... uma força invisível os tolhia. Sentiram-se como paralizados, vítimas dum repentino desalento inexplicável. Em vez de crivar o homem da visão, com as flechas certas dos seus arcos e de fraturar-lhe a cabeça com o tacape, fugiram os selvagens em disparada. Deixaram à vista do ancião com o seu caxado continuamente alçado, suas armas no chão: suas armas que deviam ir semear morte e luto no povoado cristão de São Félix.

O silêncio que precede ao crepúsculo, ia de novo envolvendo a floresta, cobrindo-se paulatinamente de sombra a clareira onde a luminosa visão arrostou os bárbaros malfazejos, prestes a assaltar os desprevenidos cristãos na vizinhança.

Ao longe ouviam-se os gritos raivosos e desesperados do grupo dos guerreiros gorotires, mais uma vez vítimas da pretensa familiaridade do feiticeiro com os espíritos dos defuntos...

Ao mesmo tempo, na humilde capela de São Félix, crianças, homens e mulheres, prostrados na penumbra aos pés da imagem do Santo Protetor, à luz bruxoleante de poucas velas, rezavam:

“São Félix, auxílio dos cristãos, sede a nossa proteção!”

Ao alto: O MISSIONÁRIO PUXOU O CORDÃO.

À direita:

MENINOS DO CATECISMO LIMPANDO O PÁTIO DA CAPELA.

Pág. 4: DOIS ASPECTOS DE SÃO FÉLIX.



foi
ma-
no-
co-
um
lhe
ada
mais.
Se
res-
com
mais
eiro-
vel-
mi-
tem
...”
ve-
ra-
hes.

s e
en-
sta.
es-
ado-
ba-
em.
sar
t a
as.
oso.
...
já.
le-
ios.
leo.

los.

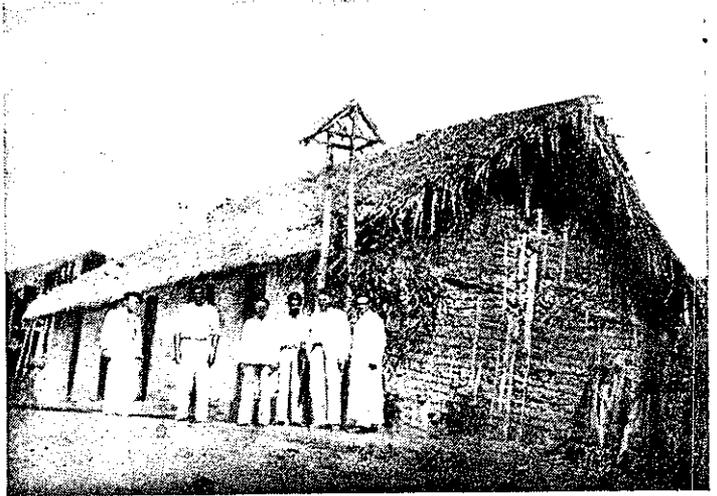
A TÔSCA CHOUPANA QUE SERVE DE CAPELA,
ESCOLA E RESIDÊNCIA DOS MISSIONÁRIOS.

toscas da capela, para ouvirem as bonitas histórias que o "padre-mestre" sabia contar... dos dois irmãos Cain e Abel, de José do Egito, do horror do dilúvio, do homem que caiu nas mãos dos ladrões, maltratado como um seringueiro que cai sob o cacâte pesado dos índios... Ganhavam ainda por cima uma medalha como prêmio para quem melhor soubesse a lição do catecismo.

Não era fácil incutir nas cabeças rudes desses pequenos turbulentos, de acanhada inteligência, os ensinamentos do Evangelho. Mas quando o missionário lhes falava, com todo o ardor do seu coração, os olhinhos dos pequenos ficavam atentos, brilhando de satisfação.

Naquela tarde fazia um calor que sufocava. A saleta da capela meio escura, fechada que era por três lados, só tinha duas portas estreitas na frente e nenhuma janela. As crianças estavam voltadas para o altar, tendo pois as portas pelas costas. Com medo que seus pequenos alunos fôssem cochilar, em consequência do calor, o padre bateu palmas: "Eh, meus filhinhos, vamos cantar: — Viva Jesus!"

Atraído sem dúvida pelo canto das crianças, pois a gente selvagem gosta muito de música, — um índio velho encostou-se no batente da porta. Chegara, fazia poucos dias, da mata virgem. Ninguém soube donde ou porque aí viera. O beijo inferior, com uma enorme argola de madeira introduzida, indicava sua origem como pertencendo à nação dos gorotires. Pelo que se podia concluir dos seus gestos



e mímicas, era perseguido pelos outros de sua tribo, e acochado pela certeza de ser morto, refugiara-se entre os cristãos. Tinha um grande chapéu de palha na cabeça. Projetando sua sombra pelo interior da capela, o índio traiu às crianças sua presença. Ficaram assustadas; tôdas viraram logo a cabeça e deram com seus trejeitos de desagrado a entender que esperavam que o padre o mandasse embora. Não que tivessem medo daquele índio velho todo enrugado, mas porque ficaram espantadas com a sombra inesperada dele.

O missionário fez como se não visse o seu novo aluno das selvas, continuando as explicações e perguntas.

— "Eh, Chico", interrogou a um menino de testa chata e de olhos obliquos, descendente da tribo mansa dos jurunas, "tu sabes se um índio tem alma?"

— "Tem, não sinhô, é bicho do mato".

— "Então, não é pecado matar índio brabo?"

— "Não é, não", gritou o Chico secundado por outros meninos alvoroçados: "Eles também matam a gente".

— "Olha, padre, gesticulou agora o Zeca, "ainda na semana passada mataram de flechas o velho Maurício, quando cortava cautchu. E o filho dele, o Custódio, fugiu de medo, e os urubus comeram o pobre velho".

A lembrança dessa tragédia alvoroçou o espírito e a fantasia dos pequenos. Xingavam a crueldade dos "beijões"*, como se eles mesmos fôssem as vítimas, lançando de vez em quando olhares de desafio ao índio que, sem nada entender, estava quieto, ainda encostado na porta. Passaram-se alguns minutos até que o missionário conseguisse acalmar os espíritos exaltados da criança valente.

Aplacada finalmente a tempestade, continuou perguntando:

— "Carmina, diz, índio não terá alma como nós?"

Levantou-se a menina, que é a heroína desta impressionante história a desenrolar-se nas páginas seguintes, — uma menina que poderia talvez ter os seus onze anos. De fisionomia delicada e levemente sonhadora, distinguia-se das companheiras pelo silêncio pensativo que lhe era tão peculiar. Só falava quando interrogada, e então, com uma voz de timbre suave.

Não sabia o que responder. Pensava, pela insistência da pergunta do padre, que o índio devia ter alma. Mas, por outro lado, sempre ouvira dizer que o índio é bicho do mato. Ficou, pois, cismada e em bastante dúvida.

* Alcinha dos índios gorotires

— “Donde é que tu vieste, Carmina?”

A mudança do assunto lhe agradava. Com leve sorriso respondeu:

— “Da ilha Beija-Flor, lá do Xingu acima, uns quatro ou cinco dias de remar daqui”.

— “Como se chama teu pai?”

— “Pai, não tenho mais. Morreu de febre. Meu padrasto é o José Tropeiro, e a minha mãe chama-se Odete Almeida.”

— “Onde nasceste?”

— “Eu?... não sei bem. Parece-me que nasci onde agora mora o velho Tomás, perto da ilha Beija-Flor”.

— “E onde foste batizada?”

— “No Barracão do Pôrto Seguro, que fica também por lá. Quando me batizei, eu já era menina”.

— “Sabes donde são os teus pais?”

Pensativa, levantou os olhos meigos que brilhavam como botões de um alvo lírio, a entre-mostrarem a oculta saudade de quem procura com a alma sua terra:

— “Da serra de Baturité, no Ceará”.

— “Já viste, Carmina, “caboclo brabo”?*

— “Vi, não senhor, mas o papai sempre contou que viu vestígio deles, enquanto cortava seringa em terra firme. Ele disse que os caboclos brabos já por diversas vezes taparam a sua estrada de seringa, com galhos verdes, em forma de cruz...”

— “Em forma de cruz?”...

— “Sim”.

— “E o que significa isto?”

— “Papai disse que é sinal de eles quererem matar a gente. Escondidos, ficam bem pertinho espiando. O seringueiro deve voltar para casa se não quiser morrer pelo cacete deles.”

— “Quer dizer que tu também tens medo deles?”

— “Muito até... pois eles levam crianças e mulheres”.

— “Meus filhinhos”, falou o missionário, um pouco curvado sobre os seus protegidos inocentes, “eu compreendo vosso medo diante dos terríveis índios brabos. Vamos pois aprender a oração do Anjo da Guarda, para que eles vos defendam das emboscadas dos selvagens!”

Com uma atenção nunca vista, como se já estivessem prestes a serem raptadas pelos índios, recitavam as crianças a oração em tom suplicante. Vendo-as ao depois mais sossegadas e fortalecidas de espírito, o missionário continuou, com doçura, tentando tirar das cabezinhas infantis os preconceitos anti-cristãos e absurdos contra o índio, que não teria alma...

— “Meus filhinhos, já mais de uma vez vos contei histórias sobre o Padre Anchieta, grande Apóstolo do Brasil. Estais lembrados?... Pois bem, ele era por muito tempo prisioneiro dos antigos Tamoios, índios ainda muito piores do que nossos “beijões”. Pois, não só matavam, mas também comiam até de preferência a carne da gente branca que lhes caía prisioneira. Vocês sabem o que o Padre Anchieta fez? Com sua grande mansidão e imensa caridade, conseguiu amansar esses deshumanos selvícolas.

— “Oh, meus filhinhos”, exclama o missionário, segurando com ambas as mãos o crucifixo de metal que traz sobre o lado esquerdo do peito, — não fiqueis com medo. Eu mesmo queria viver no meio dos pobres selvagens, para lhes sem cessar dizer quem é Nosso Senhor e Nossa Senhora. Eles, coitados, não conhecem o Deus verdadeiro. Vivem como pagãos na mata, errando sem roupa de uma floresta para outra, dormindo no chão, roubando e matando, fazendo mal aos civilizados. São vítimas de mil superstições e credulidades. Crêem até que as almas dos seus próprios pais e irmãos, depois da morte, se tornam suas inimigas que os andam perseguindo. Há entre eles um homem misterioso, um pajé índio que se chama o Oaiangara da tribo. Exerce uma influência desgraçada sobre os demais da nação. Só a fé com a força da graça que Jesus Cristo nos dá, é capaz de converter aqueles perversos que pouco se distanciam dos brutos irracionais, e de elevá-los, pela Religião, à altura da civilização. É realmente possível que se tornem bons cristãos bem como bons patriotas. Isso não seria verdade, se os índios não tivessem alma, tanto como nós. — Estais compreendendo?

As crianças escutavam caladas. Não pouca era a admiração geral, pois firmemente arraigada na mente delas sempre tinha sido a idéia de um índio não passar de bicho do mato.

Muito havia se prolongado a aula de catecismo, que terminou numa justa defesa dos índios, também entes humanos a precisar, de modo especial, da ação benéfica da Missão católica e da proteção das Autoridades.

A sombra inocente do velho indígena na porta, fundia-se já com a penumbra dentro da capela. Acenderam uma vela.

O missionário viu então como Carmina estava olhando para a imagem do Santo Protetor, e não sem que ela denotasse o que lhe parecia ir na alma...: um misto de inquietude e de confiança.

* Apelido que costumam dar aos índios ainda não civilizados e perigosos.



ÍNDIOS COM SEUS ENFEITES FESTIVOS

na tri-
giara-
de pa-
rior da
Fica-
deram
espe-
tives-
s por-
s dele.
o alu-
untas.
testa
man-
ma?”

utros
ente”.
ja na
rício,
io, fu-
o”.

nito e
e dos
imas,
índio
stado
mis-
os da

per-
is?”

im-
s se-
seus
nha-
pen-
o in-
e.

stên-
ilma.
índio
ante



SÃO FÉLIX ENCRAVADA NA SELVA QUAL HÓSTIA BRANCA

Em baixo:
PRIMEIRA COMUNHÃO EM SÃO FÉLIX

Pág. 9, em baixo:
O MISSIONÁRIO REZA POR SUAS OVELHAS DISPERSAS NAS MATAS

BADALADAS NOTURNAS...

A vilazinha de São Félix evoca dramas passados, dramas sangrentos entre os primeiros emigrantes que no principio do século atual penetraram nestas regiões até então quase completamente inexploradas, em busca do "ouro preto", nome que costumavam dar à borracha.

Desde os primeiros anos da chegada dos seringueiros, São Félix de Valois foi venerado e festejado com respeito e piedade como protetor do Alto-Xingu. O povo simples, influenciado pelas forças indomáveis da gleba em eterna transformação, e sobretudo sob a inspiração de circunstâncias ocasionais que eram as incursões frequentes de índios selvagens e o rapto de mulheres cristãs, escolheu a São Félix como seu Padroeiro. Seria-lhes um valioso protetor contra os assaltos de índios traiçoeiros, êle que na Idade Média libertou grande número de cristãos do poder dos mouros na Africa.

Ergueram-lhe uma pequena capela de taipas e barro, que a floresta no decurso do tempo chegou a envolver em seu seio verde. Um dia lá aportou, pela primeira vez, um missionário do Preciosíssimo Sangue, passada já a época próspera da borracha. Era enviado para que zelasse por aquela imensa região, à qual nada tinha aproveitado a fortuna dos anos recentes. A construção de um sólido santuário para o Santo Padroeiro, ficou a cargo daquele missionário recém-chegado. Braços treinados abriram caminho; o terreno em redor ficara desbravado da capoeira alta e espessa. A capela foi inaugurada em 1938 e é até agora o único edificio de tijolo queimado e coberto de telhas francesas, existente no lugar. Mede 15 metros de comprimento por oito de largura e nove de altura.

Naqueles dias da bênção do novo santuário, a vilazinha assumia o aspecto de um grande acampamento, onde os seringueiros e os castanheiros, vindos de tôda parte da Missão, pernoitaram em choças de palha ou mesmo dormiram ao ar livre, por falta de acomodações suficientes.

Os seringueiros, durante o decorrer do ano, expostos a tantos perigos nas trevas da mata virgem, abundante de animais ferozes e de assaltantes selvagens, vieram lá agradecer a Deus a conservação da vida e o valimento do "Senhor São Félix". Tinham passado horas tremendas em que se viam cercados, no centro da mata, de índios sorrateiros.

Entre os peregrinos que vieram de longe, achava-se também o padrao de Carmina. Para ela chegara a hora de voltar de novo à solidão da ilha do Beija-Flor, junto à sua mãe e irmãozinhos menores. Aproveitara bem o tempo que passou em São Félix, aprendendo aqui o catecismo, bem como ler e escrever sozinhos.

Antes de partir, porém, a menina teve a felicidade de assistir à bênção solene da capela, mais sobretudo de participar em outro acontecimento festivo, tão importante para ela nos anos seguintes. No dia da Imaculada Conceição recebeu, devota e encantadamente, a primeira Comunhão.



Será possível que a inocente menina presentisse que a alva Hóstia consagrada lhe seria, ao mesmo tempo, o viático para um longo martírio?...

Baixou a cabeça, envolvida no véu branco, ficando recolhida com o tesouro do seu puro coração: o eterno Espôso das virgens. De maneira especial podia ela fazer as palavras, que ouviu cantar, as suas: "Bendito seja o santuário, em que achei consolação; "Meu bom Jesus, o teu Sacrário, deu-me a paz no coração". — Seguiu-se, enquanto ainda estava embevecida nessa santa alegria celeste, a segunda estrofe, soando-lhe como uma horrenda predição: "Ai, Jesus, que infeliz hei sido, — quanto penei, longe de ti, — "Mas quando a ti hei recorrido, — minha aflição já não senti".

Apreensiva perguntava-se a si mesma: "Será que eu volto um dia para rezar nesta linda capela? Voltando para a ilha Beija-Flor, tão longe deste santuário, quando poderei comungar outra vez?" Balbuciou baixinho: "Tudo como Deus quiser", lançando um último olhar de resignação ao grande crucifixo pendurado na parede sobre o altar, último olhar de confiança na imagem de N. Senhora das graças. Lágrimas lhe deslissavam pelas faces pálidas, que deixavam transparecer a inocência de sua alma.

Por que este constante receio da pobre menina?

A atmosfera do Alto-Xingu cada vez mais se saturava de boatos sobre assaltos dos índios, boatos alarmantes esses que chegavam até São Félix, de todas as direções. Mas, por enquanto, o perigo só andava por longe, nos solitários afluentes e nas ilhas, onde moravam dispersos um e outro seringueiro. Lá em São Félix podiam ainda dormir o sono da paz e tranquilidade. É verdade que, de vez em quando, os cachorros latiam, em alta noite, de modo muito esquisito. Não ficaram, porém, os moradores mais muito tempo naquela incerteza medonha. Altas horas da noite, todos acordaram sobressaltados. Ouviram da torrezinha da nova igreja badaladas... uma... duas... depois parou. A um pequeno intervalo, de novo umas badaladas irregulares. Como que amarrados a um pesadelo, nenhum dos moradores atreveu-se a sair fora de casa, para ver as mãos invisíveis que puxaram o cordão do sino.

No outro dia, comentários dos mais negros enchiam, como sombras mortais, as humildes choupanas. "Só podiam ter sido os "caboclos brabos" que com aquelas badaladas misteriosas, na certa, agourentaram algum mal". Ninguém já se aventurava a visitar a capela sem levar um rifle na mão. De fato descobriam-se vestígios dos índios que tinham andado rodeando o lugar. Contudo, os moradores, aos quais qualquer morcego ou coruja batendo de noite nas janelas, parecera uma



pancada dos selvagens, aos poucos iam esquecendo o susto causado pelas badaladas noturnas. Estas, no entanto, recomeçaram a martelar nas cabeças dos desditosos habitantes, quando os índios tinham voltado a dar tais toques ameaçadores.

O que significaria isso?

Uma ameaça mesmo? Mas então, a quem?

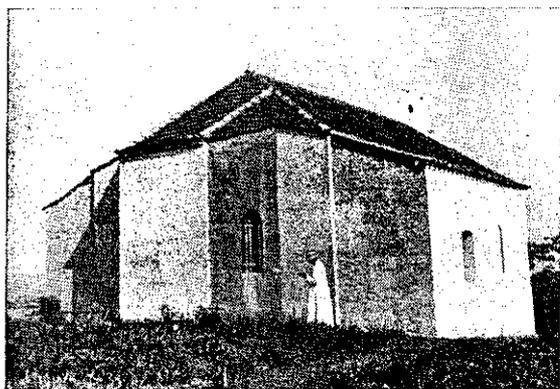
RIO XINGU ACIMA...

Uma pequena embarcação, empurrada por meio de varas compridas, adiantava-se pelo rio Xingu acima.

Era o casco de José Tropeiro, o qual tinha ido a São Félix para assistir aos festejos religiosos e que agora ia subindo de volta para sua casa na ilha Beija-Flor, levando consigo a sua enteada Carmina.

Quando o leito do rio era raso, usavam varas para adiantar a canoa, mas onde o leito se ia aprofundando, pegavam nos remos em forma de pá. Na subida, o trabalho dos barqueiros é bem penoso e exige conhecimento exato do caminho a seguir. O Xingu faz grandes voltas e os remeiros então procuram manter-se sempre próximo à margem, onde a correnteza é menos violenta. A largura do rio é de um a dois quilômetros, sendo ele rico em penedos e salpicado de inúmeras ilhas florestais e de areia. Raras vezes chega-se a ver as duas margens simultaneamente, pois extensas ilhas o impedem. Mesmo para um estranho é impossível calcular a largura do rio todo, visto que não pode distinguir-se as longas faixas de mata são ilhas ou continentes. Com efeito, os cenários que o Xingu sempre de novo revela, são inesgotáveis.

Assentada no banco duro da canoa, Carmina vagueava o seu nostálgico olhar pelas longas serranias que acompanham as margens para depois se perderem no longínquo horizonte.

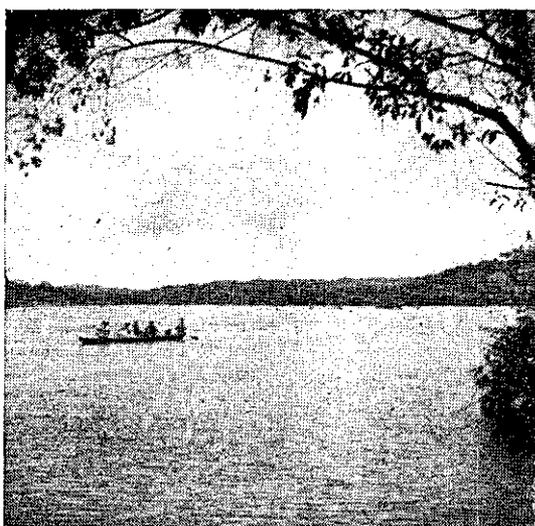


RIO XINGU ACIMA

Viajando, em pequena canoa, empurrada por varas compridas, entre as ramagens espessas da mata ribeirinha, ora o rio parece um lago adormecido, ora as águas precipitam-se em corredeiras impetuosas entre pedras e rochedos.



No centro: TRAVESSIA DOS INDIOS



De vez em quando, ao passar a canoa por um braço lateral do rio, vêem-se surgir da superfície líquida, os focinhos de uma família de lontras, ou um bando de capivaras atravessando o rio.

Os remos caíam compassadamente na água. Todavia, quando a frágil embarcação chegava perto das corredeiras impetuosas que se interpõem à canoa na sua subida, os remadores faziam tremendos esforços. Saltavam na água, empurravam ou puxavam a canoa com um cabo forte, para vencer a massa raivosa que ora mergulhava suas águas em canais profundos, ora as precipitava sobre rochedos barrando-lhes, aos experimentados canoairos, a livre passagem.

Carmina não se assustava com os fortes banzeiros que sacudiam a barca. Outra ora a sua preocupação. Continuamente zunia-lhe nos ouvidos o som apavorador das palavras medonhas "caboclos brabos". Essa intranquilidade ainda cresceu de muito, quando penetraram um canal estreito que liga a cachoeira do Coatá e a da Onça. Parecia um lago adormecido, marginaldo de densa floresta. Tinham pela esquerda um

Deus enriqueceu o Alto-Xingu das mais esplendorosas belezas naturais: praias extensas a areias alvinitentes, cachoeiras espumantes, ilhas e mais ilhas que florescem como ramalhetes multicores e cheirosos.

Na praia, sombreada por gigantescas castanheiras, passeia altivo e pensativo o jaburu. Na ramagem espessa da mata ribeirinha, brinca a cigana, e gorjeiam avcs de todas as matizes.

Aquelas águas verde-azuladas, com mágico brilho de enfeitados reflexos, precipitam-se sobre urnas de pedras, povoadas de numerosos cardumes de peixes a parecerem gozar, naquelas águas puras, o prazer de viver alegremente.



SUBINDO ENTRE A ILHA
"BEIJA-FLOR" E A MARGEM
ESQUERDA DO RIO XINGU.



ENTRE ALTAS COPAS DE
FOLHADAS MANGUEIRAS,
APARECEM AS ELEGANTES
TORREZINHAS DA CAPELA
DE PÓRTO-SEGURO.

morro de uns 200 metros de altura, íngreme, cujo cimo era um enorme bloco de pedra lisa e negra, servindo aos selvagens como torre de espiã. Pelo fato de, desde longo tempo, os índios aproveitarem esse trecho para atravessar o Xingu, era o estreito do rio sem ilhas chamado "a travessia dos índios".

O longo estirão de água sem travessões nem correntezas, afrouxou o vigor dos remeiros. Mal beijavam seus remos de pá redonda o espelho liso e prateado da superfície do rio. De vez em quando paravam por completo, olhando sem interesse as serras que se assemelhavam a tantos castelos fantásticos, como que encantados por fadas.

Carmina sentiria a monotonia do pesado silêncio e do intenso calor que se abatiam nas horas da tarde sobre o rio e o matagal da margem, não fôsse uma nova surpresa que a atemorizou.

De repente, na margem direita, avistaram uma ubá, amarrada com um cipó ao pedral. O seu comprimento era de pouco mais de 4 metros. Esse navio primitivo dos indígenas não era mais do



que um pau grosseiramente escavado. Nele os selvícolas transportavam para outra margem os seus arcos e flechas, suas coisas roubadas, impolindo-o a nado.

A ubá de feitio muito recente, deixou-os perceber a proximidade de índios. Tiveram o presentimento que esses "caboclos brabos" os vinham espiando, através de orifícios da cortina verde do espesso matagal. Atalhos batidos, ramos decapados, eles eram vestígios indubitáveis de que pouco antes tinham passado por lá, e não só alguns.

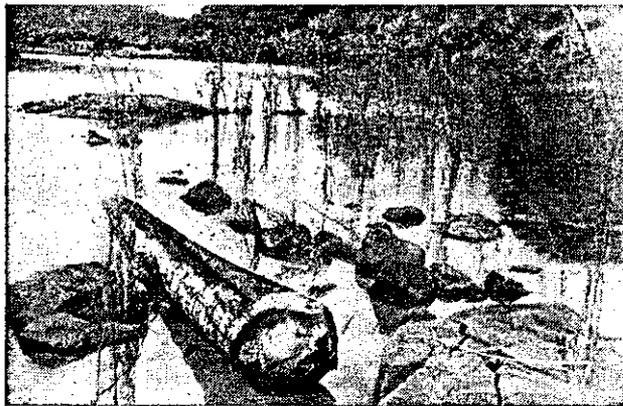
De novo continuaram José com sua enteada a viagem de canoa. Ainda umas horas penosas



um
ficie
tras,
rio.

água.
gava
põem
tre-
avam
para
suas
itava
nta-

ban-
sua
ouvi-
nhas
ain-
ca-
e a
gna-
um



UMA UBÁ DOS INDIOS E, NA MARGEM,
UM «CABOCLO BRABO» (em baixo)

de luta com as águas furiosas da Onça, e mais outras enfadonhas de passar por um interminável estirão, separava-os de Pôrto Seguro. Quanto mais se aproximavam daquele "Escorial" do alto-Xingu, mais se ia apagando a impressão desagradável que lhes causara a vista da ubá índia.

Indescritível foi para os solitários viajantes a alegria quando finalmente, depois de monótona margem, surgiu a pequena povoação de Pôrto Seguro. Sentiu-se bastante aliviado José Tropeiro após tantas horas de esforços fatigantes para chegar até lá, e nada menos a Carmina que, obrigada a ficar sentada num banco tosco, ininterruptamente sofrera os incômodos dessa longa viagem.

Naquele cenário de imensas florestas virgens, deserto e inculto, o barracão de Pôrto Seguro é um verdadeiro oásis. Primeiro viam surgir, entre as altas copas de folhudas mangueiras, as duas elegantes torrezinhas da capela. A casa, construída de tijolos queimados em 1927, ficava afastada da margem uns cem metros. Larga e espaçosa, destacava essa residência à sombra das mangueiras. Uma cerca tripla de arame farpado à boa distância do barracão, fecha em meio círculo, de margem à margem, a propriedade toda.

O capitão Coelho, homem industrioso, criou meios de segurança - sem o saber, - pois, na época da construção mal se ouvia falar de ataques de índios. As paredes caiadas, as janelas com moldura de certo estilo artístico, imprimiam ao barracão uma estranha nobreza, que não possuía nenhum outro edifício da vasta região do Xingu. Não lhe faltava a comodidade de duas salas assoalhadas, cadeiras de balanço, e de pequeno estoque de mercadorias, destinado a prover os seringueiros e castanheiros dos artigos mais necessários à sua vida pobre. Só quem gozasse de muita confiança do patrão, podia ainda apreciar, num canto bem seguro, o "arsenal" de rifles novos, fuzis e muitas balas para um caso de ataque imprevisto. Ultimamente, essa construção sólida, como também a provisão de armas, tornara-se uma necessidade, pois os "gorotires", retirassem-se embora pelas florestas, tinham já por duas vezes cercado o barracão e feito correr os seringueiros.

O pessoal da ilha Beija-Flor ficou, o resto do dia e a noite seguinte, hospedado na "fortaleza" do bondoso patrão.

Os dois viajantes haviam já passado três noites ao ar livre, quando agora procuravam rancho numa ilha no meio do rio, onde armavam a rede e o mosquiteiro entre duas árvores.

As inumeráveis pedras e lagedos, esquentados durante o dia pelo sol tropical, transformam o Xingu num rio de água quente. De noite, no verão, a temperatura bruscamente baixa, fato que causa resfriamentos e sérias doenças.

Na madrugada fresca largaram José e Carmina a canoa, e de novo os remos redondos caíram com toda a força na água. Quando o sol despontou no horizonte, já tinham vencido bom trecho. Singravam agora o lago tranquilo da Cana Braba. Ai o Xingu, embora distante de sua foz perto de mil quilômetros, alarga-se majestoso. Três horas antes de chegar, já se avista a ilha do Beija-Flor a qual é comprida, em forma oval, de não menos de 3 quilômetros e larga de uns mil metros. É toda coberta de densa mata. No centro há um lago bordado duma faixa de capim alto, onde se escondem e tomam banho de sol as capivaras. Na força do verão, porém, o lago seca. Na extremidade de cima, ao lado ocidental da ilha, havia três pobres choupanas de seringueiros, cobertas de palha. Duas estavam construídas uma encostada à outra, e a terceira uns cem metros mais em baixo. A primeira de cima era a pobre moradia dos pais da Carmina.

De ambos os lados, as águas do Xingu correm bastante céleres entre a ilha e as praias de areia finíssima, além das quais se delineava a verde e enredada região da copoeira e mata virgem.

Quando chegaram, já era tardezinha. Carmina subiu de passo leve e com sofreguidão o barranco, onde a esperavam ansiosamente a mãe e os pequenos irmãozinhos.

Enquanto todos estavam alegres em casa, gemia na folhagem das palmeiras a brisa mansa do cair da tarde. E assim balançando nas borlas da ilha, curvavam-se elas tristemente sobre as três cabanas, envoltas cada vez mais no fugaz crepúsculo do anoitecer tropical.



RGEM,
baixo)

José e
os re-
água.
te, já
ravam
ba. Ai
perto
estoso.
ista a
ia, em
metros
oberta
o bor-
de se
capi-
seca.
tal da
jeiros,
ruídas
n me-
era a

orem
as de
ava a
rgem.
mina
anco,
s pe-

ge-
ansa
orlas
re as
lugaz

OS INSULADOS DO VALE AMAZÔNICO

Quem nunca subiu as inúmeras cascatas raivosas e espumantes do rio Xingu, ou entrou nos seus misteriosos afluentes; quem nunca ouviu na madrugada o ronco abafado de um bando de mutuns ou o concêrto macabro de numerosa povoação de guaribas ¹⁾ nas altas copas da castanheira; — quem nunca visitou as solitárias choupanas nas ilhas ou o tapiri ²⁾ na margem da água negra; — quem nunca foi surpreendido pela noite tenebrosa no coração da mata, ou sonhou às margens de areia argentina, — não pode fazer idéia do que seja a vida do nosso seringueiro em plena floresta do Alto-Xingu.

O seringueiro, o solitário extrator do caucho e borracha, é o verdadeiro homem da selva. Obrigado a internar-se nas florestas, passa ali uma vida que muito se assemelha à vida selvagem. Antes do alvorecer, as três ou quatro horas da madrugada, o seringueiro veste o "congo" ³⁾ e a blusa já de todo manchados de sernambi.



AS PALMEIRAS SE CURVAM SÓBRE AS SOLITÁRIAS CHOUPANAS.



SANGRA A SERINGUEIRA E O LEITE (LÁTEX) CORRE PARA AS TIGELAS.



- 1) Grandes macacos.
- 2) Barraca amazônica.
- 3) Calça curta de seringueiro. (pág. 14)

Em seguida pega sua lamparina: luz pálida que o guiará pelas picadas da mata, afugentando os bichos e as cobras que tantas vezes dormem atravessados no caminho. Leva o inseparável rifle w. 44 a tiracolo, e o balde na mão. Joga nas costas o chamado "xamachi" (como êle costuma apelar sua armação de madeira para a condução do leite colhido). Depois, conforme a distância, rema até duas horas no seu pequeno casco, afim de chegar à boca da "estrada". Ai, na margem do rio, deixa a canoa e o "xamachi" e entra na picada florestal. A estrada da seringa, que compreende 150 a 200 árvores, faz um círculo de forma a voltar ao ponto de partida. O comprimento da estrada depende da distância das árvores entre si. — Daí segue que uma estrada pode ser de menos de uma légua, quando as seringueiras são muito numerosas naquela área de terra. Podem, no entanto, também estender-se até duas léguas e mais, quando as árvores são raras.

O seringueiro anda a primeira metade do dia para sangrar a árvore com uma lâmina de aço e imbutir no casco a tijela de fôlha-de-flandres para onde corre o leite da árvore borrachífera. Pela tarde, o seringueiro dá a mesma volta como de manhã, recolhendo o conteúdo das tigelinhas num balde, e êste, estando cheio, derrama-o num saco encauchado.



Depois de defumado o látex recentemente extraído, é coagulado em recipientes rasos mediante um banho de ácido.

COMO HABITA A POBRE FAMÍLIA DO SERINGUEIRO

Em baixo:

Através duma mata de castanheiras do Pará.

Na página 15

Uma onça pintada, uma cobra coral, uma giboia e um porco do mato.



Pelas 4 ou 5 horas da tarde chega à sua choupana. Não pode descansar do seu fatigante trabalho, mas tem que dirigir-se imediatamente ao defumador, um tapiri baixo no qual o leite se defuma. Se demora com este serviço, o "látex" coalha e não serve mais para borracha fina.

No meio do defumador há uma cavidade retangular de uns oitenta centímetros de profundidade dentro da terra. Esta cavidade está ligada a outro vão por uma pequena abertura, que serve para nela se introduzir combustível. Este vão, propriamente um fogão subterrâneo, está ligado à superfície da terra por uma abertura estreita e redonda. O fogão é alimentado por ouriços vazios de castanha, ou com cavacos, mas de preferência com os ouriços de coco de babassu, os quais produzem uma fumaça esbranquiçada e muito densa, que sobe pela abertura do fogão subterrâneo. Sobre a boca desse "chaminé", o seringueiro vai girando um pau, em cujo centro previamente formou uma pequena lazanha de borracha. De segundo em segundo derrama sobre ela uma cuia de leite da seringueira, o qual se encontra numa grande bacia a seu lado. Desse modo vai se condensando o látex e aumentando o peso da

bola, que às vezes chega a cem e mais quilos. Assim o seringueiro, mal alimentado, despende sua energia no corte da borracha, no recesso emaranhado daquelas matas. Trabalha por dia dezesseis até dezoito horas a fio, afim de obter, ao cabo de tantos sacrifícios, o resultado minguido de somente se vestir e muito escassamente se alimentar. — O corte da seringa efetua-se no tempo do verão, de junho até novembro ou dezembro.

Vida heróica essa, a do seringueiro. Na mata bruta ele se vê cercado de perigos por todos os lados: pela frente, pelas costas, à esquerda, à direita, do ar, da terra. Pois, pode surgir de repente um inimigo, oculto pela folhagem, que se aproxima sem ser visto, como as cobras venenosas. Há milhões de mosquitos, piuns, formigas, carrapatos, mucuins, que o martirizam dia e noite. Vida sofredora essa, num lugar em que nem pensar se pode em médicos ou hospitalização.

No Alto-Xingu, porém, uma outra praga maior o persegue, praga que alhures no grande vale amazônico quase não se conhece. E' o índio bravo. Costuma dizer o seringueiro daí: "Suporto toda a sorte de privações; não temo onça preta (tigre), nem o canguçu (onça pintada), nem a maçaroca (onça vermelha), nem mesmo o surucucu de fogo (cobra muito venenosa),... mas caboclo brabo é bicho que me assombra".

po-
di-
no
o

de
ra.
na
vel.
ga-
re-
as-
gos
an-
ção
iro
ou
m-
o
se
da

É tal o receio de um ataque traiçoeiro dos índios selvagens, que o seringueiro nunca pode deixar a sua barraca sem barraqueiro, homem que durante o dia não faz outra coisa senão vigiar, com rifle na mão. Quando por falta de recursos essa medida onerosa não pode ser adotada, o seringueiro isolado vê-se obrigado a deixar sua família numa montaria (pequena canoa), fundeada no meio do rio e exposta às intempéries, aos raios abrasadores do sol, enquanto ele vai, estóico, armado com um rifle, "tratar de sua vida".

O índio brabo não rouba só por necessidade, mas também por mera maldade. Estraga muitas vezes o que não consegue levar. Depois de sua passagem, o seringueiro ou caucheiro encontra não raramente sua farinha misturada com terra, o sal derramado na lama, ou então as tigelinhas que deixou pela manhã no corte, vai à tarde encontrá-las no chão, com o leite derramado.

Mas que são para o desventurado seringueiro esses estragos materiais, comparados com a desapareição de entes queridos, mortos ou raptados



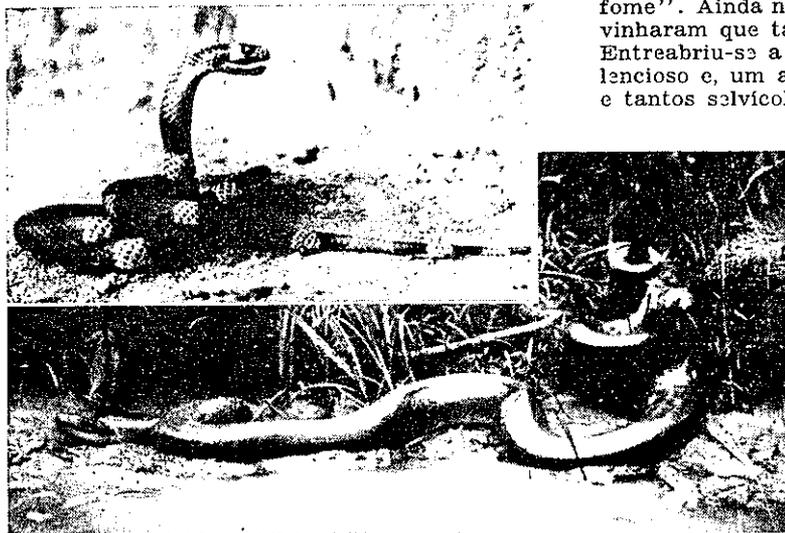
Numa chuvosa manhã, alguns seringueiros, de volta do barracão de Pôrto Seguro, iam subindo na sua montaria, quando de repente ouviram, da mata próxima, gritos estranhos: "Papai, farinha, fome". Ainda não viram ninguém, mas logo adivinharam que talvez se tratasse dum ardil índio. Entreabriu-se a cortina espessa do matagal silencioso e, um após outro, apareceram uns vinte e tantos selvícolas nus, armados de arcos e flechas.

De dentro de sua canoa responderam os homens que fossem até Beija-Flor, onde lhes dariam muita farinha. "Que vissem buscá-los numa canoa", pediram aqueles outros da margem direita. Dois seringueiros, um tal Leleco e Manoelzinho, atenderam ao perigoso chamamento. Iam e voltavam, trazendo cada vez três ou quatro índios. — Entrou na ilha, por assim dizer, o cavalo troiano.

O grupo era chefiado por um índio de nome Oket-Kotiare, de estatura mediana, corpo delgado, pele muito escura. O enorme disco no lábio inferior demonstrava sua valentia aborígene.

A fisionomia era bastante antipática. Cabelos lisos cobriam-lhe a nuca.

Os índios entravam nas casas dali quando bem queriam, sem que ninguém tivesse a coragem de censurá-los. Os pobres moradores, embora constrangidos, não deixavam de agradá-los com farinha e tabaco para cachimbo. Deram do pouquinho que possuíam. Mas, nem todos os moradores da ilha Beija-Flor conseguiram conformar-se com tal desfaçatez dos invasores. Dona Odete, sobretudo, não cansava de reclamar: "Que será dos



pelos selvagens na ocasião do saque, enquanto ele estava no fundo da densa mata? Que não significa para ele a perda dum parente ou mesmo dum amigo nesta vida já tão insulada que como os demais habitantes daquela região tem forçosamente de levar, privado de todos os recursos!

Destes destinos, o perigo contínuo da parte dos índios traiçoeiros é, sem dúvida, o que mais ameaça a população. A todos, a morte parece preferível à existência passada no cativeiro das matas por crianças, mulheres, e às vezes até homens, raptados pelos selvagens. Deses infelizes, aliás, a maior parte não resiste muito tempo às máguas e às privações daquela vida imensamente triste e desolada.

E que clamor, que pranto, quando um pai, um filho não volta à hora de costume da estrada do seringa! Qual não é o desconsólo com que mulheres e crianças então ficam espionando, horas a fio, para a margem do outro lado da ilha, donde devia vir aparecendo a canoa dele?

Desde abril de 1940, uma turma de índios da tribo dos gorotires não deixara mais em sossego os moradores da ilha Beija-Flor.



s.
le
so
ia
r,
te
so
r
a
s
à
e
r
i-
a
e
l
r
e
-
o
i
-
i
-
i



JOSÉ TROPEIRO À ENTRADA DE SUA MÍSERIA CHOUPANA — O MISSIONÁRIO EM VISITA AOS SERINGUEIROS DO ALTO-XINGU

meus filhinhos, da minha pobre Carmina? Ter "caboclos brabos" dentro de sua casa, não pode dar certo. Quantas pessoas já não caíram vítimas deles, quantas coisas não roubam ou estragam!

José Tropeiro, de calças molhadas e arreçadas do marisco, veio voltando para a casa. Era um homem acostumado a lidar com índios selvagens e com feras, pois conhecia bem a mata horrenda do Xingu. — "Bastava", interveiu ele na conversa dos seus colegas, "que reuníssemos todos os nossos homens para acabar com essa raça de "bichos"... mas uns querem, outros não. Esse bicho não se deixa domesticar — só com bala. — Vocês não se lembram do finado Dudu? Faz poucos meses; parece-me que foi no fim de fevereiro. Chegaram aí vinte caboclos brabos. Os bichos fingiram que iam trazer muita castanha para Dudu; o tolo deixou-se enganar, mas pagou o negócio caro. Poucos dias se demoravam lá; pediram que Dudu lhes cortasse os cabelos a moda de cristão. E que aconteceu? Enquanto Dudu atrás de sua casa cortava o cabelo do primeiro, um caboclo brabo pegou-o pelas costas, tão depressa que, antes de ele ter tempo de se defender, o caboclo brabo agarrou-lhe o pescoço e, com uma profunda dentada na garganta, acabou por enforcá-lo. Logo os outros selvagens caíram com bordunas sobre os demais membros da família, massacrando, desapiadadamente, todos exceto duas mocinhas que raptaram. Caboclo brabo não se amansa; só se veste e corta cabelo para enganar a gente. Quando se pensa que estão longe na mata, encontram-se os selvagens em redor de nossas casas, remedando mutum ou queixada, ou outro animal qualquer. Não há no mundo bicho mais traiçoeiro. Só bala mesmo para tais bichos malvados. Se não, vocês ainda vão ver!"...

As últimas palavras do velho mateiro soaram como uma tremenda ameaça.

Os dias seguintes passaram-se tranquilamente. Os índios, depois de alguns dias, tinham ido embora. Mas reinou tristeza nas pobres choupanas.

O temor vago que produz um perigo iminente, o receio de outra surpresa por parte dos selvícolas, fez com que os solitários moradores continuassem, sem cessar, apreensivos, bem como circunspectos.

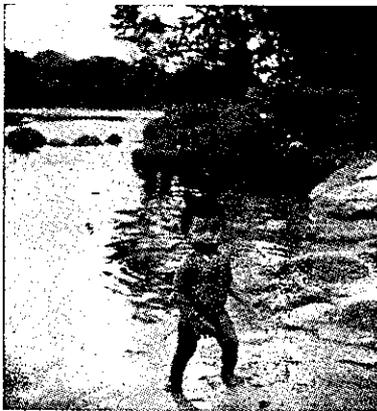
Os vizinhos mais próximos da ilha Beija-Flor eram quatro famílias de seringueiros, que moravam junto do igarapé da Mutua, um pouco mais de duas horas de canoa na margem esquerda do rio Xingu. Depois da curta permanência dos índios na ilha Beija-Flor não tardou muito que inesperadamente surgissem três guerreiros gorotires naquela pequena povoação, dizendo que iam caçar para as quatro famílias, em troca de farinha. Os habitantes dali não estranharam, pois conheciam aqueles três os quais costumavam visitar "amigavelmente" a ilha Beija-Flor.

De fato, nos dois primeiros dias trouxeram-lhes do mato muita caça. Mas no terceiro dia, de manhã cedo, andavam vagueando como quem maquina planos secretos. Um dos três se afastou a pouca distância, para dentro da mata próxima, e deu de repente um "estouro" tão alto que espantou todo mundo. Os dois que haviam ficado atrás, logo se foram para o local onde tinham ouvido o grito medonho. Desapareceram também no matagal, deixando os habitantes da Mutua não pouco aterrorizados.

Teria sido algum, sinal combinado? Seria aviso de que agora o momento era mais propício?

O calendário marcava o dia 20 de maio. 1940

25 feir



O MANOELZINHO COM 3 ANOS — O MISSIONÁRIO AMIGO DO SERINGUEIRO — A CADA UM UMA BOA PALAVRA

PELO SUDESTE...
A SERRA DA FORTALEZA

QUANDO A SUMAÛMA FLO- RESCE ENCARNADA

Quem dirige sua vista, da ilha Beija-Flor, quer para o poente, quer para o nascente, — em tudo se lhe depara panorama fascinante e ondulante tapete movediço de um verde imenso de todos os matizes: do verde claro das folhas do Arapari, nas margens do rio, ao verde saturado da ceringueira e castanheira, nas fraldas dos morros.

Lá longe, pelo sudeste, eleva-se a grandiosa serra da Fortaleza, quebrando com o horizonte a sua linha sinuosa, cheia de leques elegantes da palmeira babassu.

Naquela confusão de verde variegado, destaca-se uma copa larga de mil vivas flores sanguíneas, a qual como uma abóbada de corais vermelhos, sobressai majestosamente. É uma altiva sumaúma, poderosa rainha da selva, lisa como uma coluna helênica, — que no mês de maio floresce encarnada, côr de sangue. —

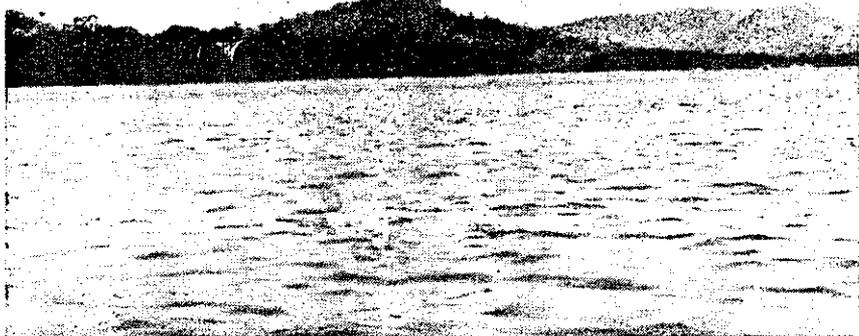
“Largo rastilho rúbido | O sangue jorra cáldo
Embebe-se na areia; | Da lacerada veia...”

J. S.

Beija-Flor, ilha graciosa de leves palmeiras, acariciada das águas verde-azuladas, esperançosa habitação de tempos idos, — tu ficastes embebida pelo rastilho rúbido de sangue humano. Era no ano de 1940, no mês em que a sumaúma sempre floresce encarnada.

Noite de luar; faltava um dia para a lua cheia.

Em tais noites claras, os seringueiros, na solidão selvática do Alto-Xingu, ficavam palestrando até altas horas. Formavam uma roda ao lado da casa de José Tropeiro, uns assentados numa caixa velha de gasolina, outros acocorados sobre o terreiro liso; o velho Emiliano encostado na canoa em consêrto; enfim, cada um à vontade. Quase todos fumavam, também as mulheres. Estas últimas davam preferência ao cachimbo, ao passo que os homens fumavam cigarros.



Sob a tranquila claridade do luar que vinha do céu, Carmina brincava com os seus irmãozinhos. Carmosina tinha nove, Manoelzinho três anos; o menor, Joãozinho de só três meses, já estava deitado na rede. Carmina gostava naquelas noites claras, de ensinar os lindos cânticos que aprendera em São Félix, nos dias de sua primeira Comunhão. Lembrança essa que não se apagaria nunca mais.

Para não gastar querosene, bem caro ali, conversavam os homens, ao ar livre, sobre o seu assunto predileto: o preço da borracha. Tinham esperança que agora a situação ia melhorar, porque de outro modo seria impossível aguentar a carestia das coisas mais necessárias. Pois, pagavam por um quilo de café Cr \$ 7,00, e assim por diante. Dos caboclos brabos ninguém falou. Já faziam 8 dias que não apareceram mais. — Pelas 10 horas a conversação foi morrendo; o pessoal estava cansado. Um por um, todos saíram da roda, bocejando aos que ainda não se tinham levantado: “boa noite, — até amanhã, se Deus quiser”.

Dona Odete chamou as crianças: “vamos dormir; — tomem a bênção!” Nenhum presentimento os advertia da desgraça iminente, de muito perto.

“Que cena pavorosa, passando no silêncio da selva escura, umbrosa...”

Enquanto todos dormiam tranquilos e despreocupados, silhuetas negras se moveram numa ubá, da margem oriental para ilha do Rebojinho, situada entre a beira direita e a ponta de cima da ilha Beija-Flor. A ubá ia e voltava muitas vezes, transportando índios em grupinhos de três.



PAISAGEM DO RIO XINGU — Balsa de bambu, usada pelos índios assim como a ubá, para atravessar o rio



to-XINGU
soaram
mente.
do em-
spanas.
inente,
selví-
s con-
como
a-Flor
mora-
o mais
da do
os in-
o que
goro-
e iam
e fa-
e pois
e visi-
eram-
o dia,
quem
astou
xima,
e es-
icado
nham
nbém
futua
avi-
cio?
1940



WRA



Dai a poucos segundos de silencioso nado a favor das águas, as silhuetas sombrias alcançavam a ilha Beija-Flor, galgaram habilmente o barranco e, cautelosamente, a passos leves, dirigiram-se para um capinzal alto de tiririca, e depois sumiram na noite muito tenebrosa da mata.

De novo silêncio mortal.

Os índios não têm outra tática senão a astúcia: só atacam de surpresa.

Como sombras imperceptíveis rondaram pelos arredores das casas. O luar vestia de régio esplendor as águas murmurantes do rio, e um vento brando agitava de leve as fôlhas enluaradas das palmeiras em tôrno das três choupanas, como que chorando baixinho.

Quando os primeiros albores da madrugada iam penetrando por entre as brechas das cabanas, as mulheres se levantaram para passar o café. Os homens ficaram ainda alguns minutos, se virando até sentir o agradável cheiro, antes de deixar a rede coberta de espesso mosquito, indispensável nas regiões amazônicas.

Uma neblina úmida e compacta cobria o espelho do rio e a ilha, mal se enxergando a orla da mata, que qual grossa muralha, cercava as casas a pouca distância.

O torpor que se abate sôbre quem dorme debaixo de mosquito, foi inesperadamente dissipado pelos gritos dos selvícolas, que se ouviram ao lado direito do rio: "Eh Manuel, eh Leleco,... canoa!"

Os que eram chamados hesitavam, pois justamente nêsse dia queriam sair cedo para a mata e limpar a estrada, afim de poderem começar o corte da seringa no principio de junho. Com a presença dos índios ficariam atrapalhados o dia inteiro.

Um pouco mais, novos gritos dos selvagens, quase em tom ameaçador: "Que viessem buscá-los logo, sem demora!"

Leleco e Manuel decidiram-se finalmente a ir até onde se encontravam os índios. Aprontaram a canoa, tirando a água com uma cuia. Dobrando a ponta de cima da ilha, desceram pelo canal estreito entre a sua ilha e a do Rebojinho, para então tomar a direção da praia. Enquanto eles faziam a travessia, os moradores da Beija-Flor continuavam os seus afazeres de casa. Carmina estava ocupada ao fogão; Dona Odete tratava de suas crianças mais novas. Tudo calmo.

Subitamente ficaram sobressaltados com um estranho rumor de tropelia: um quebrar de galhos e um tumulto como dum bando de queixadas. — Os caiapós, quando atacam, fazem barulho infernal, batendo o queixo num ruído semelhante ao de porcos raivosos da mata. — A terra parecia tremer. Soou um tiro de rifle por detrás do galinheiro. Emiliano, a consertar sua canoa, tombou. Um fio de sangue saia de sua testa, um longo fio cálido, tingindo de vermelho o barro batido do terreiro.

Dona Odete, vendo entrar pela porta da frente os temíveis índios, ficou estarrecida. Procurou fugir para o quarto, mas já atingiu-a uma flecha, varando-lhe o corpo. Os ferozes, ouvindo o gemido lancinante dela: "ai, meus filhos...", — pegaram de um pau grosso e a mataram, violenta e perversamente.

José Tropeiro, reconhecendo de longe a voz de sua mulher, voltou correndo em direção da casa, mas foi ferido em cheio por uma flecha. Quis ainda arrancá-la, mas quebrou. O corpo rolou por terra e o sangue esguichando embebeu-se na areia, enquanto ele se torcia em dores horríveis. Os cruéis assassinos flecharam em seguida mais outras pessoas indefesas, vitimando inocentes para saciar seus instintos sanguinários. Os três filhinhos de Dona Odete, deixaram-nos inanimados, com os crâneos fraturados, estendidos nos braços da pobre mãe trucidada.

"Torcia a forte vítima, | O sangue jorra rúbido
Com maternal braveza; | Da massacrada prêsã".

A ilha apresentava, depois de poucos minutos, um horrível aspecto de selvagem devastação. A cena que se desenrolou durante o silêncio da madrugada crepusculina, era das mais pavorosas.

Quando o sol matinal rasgou a fina neblina, que qual branca mortalha estava cobrindo a terra, a ilha Beija-Flor estava transformada em desolado cemitério, sem cruz... Dois seringueiros, que mais tarde passaram pela ilha, entrando nas casas das famílias exterminadas, deram logo pela falta do cadaver de Carmina. Onde estaria ela?

ATRAVESSANDO O RIO



CANOA LEVE DO SERINGUEIRO

ENTREABRINDO-SE A SEPULTURA SELVÁTICA

Os índios gorotires, ramo ocidental dos caiapós do norte, não são propriamente antropófagos. Só rara e excepcionalmente é que cedem à tentação de comer carne humana. Preferem mulheres de raça branca às da sua nação: motivo por que roubam meninas para, depois de criadas no ambiente indígena, se casarem com elas. — Era, pois, de crer que a Carmina não tivesse sido morta.

Quando os vira entrar pela porta de frente da casa, uma expressão de grande horror se estampou na fisionomia da pobre menina, sentindo um calafrio percorrer-lhe o corpo e penetrar até à medula dos ossos. Fugiu da cozinha para o fundo do quintal, e daí desceu para um vale, cheio de moitas de arvoredos, escondendo-se por detrás duma cortina de musgos e trepadeiras. Escutou com indizível angústia. Ouviu, agoniada e trepidante, um pesado cacete estalar sobre as cabeças dos seus queridos pais e irmãos, e em seguida as vozes cavas e surdas dos ais e gemidos plangentes. Minutos depois, os sons estertorosos foram-se amortecendo aos poucos, até que tudo silenciou.

Diante de tanta sensação de medo e repulsão horrorosos, queria ela antes ter morrido com a estremecida mãe e os caros irmãozinhos do que lhes sobreviver, talvez sôzinha. "Quem sabe se não me reservam sorte pior!"

Súbito, apareceu um índio alto e musculoso, à beira do barranco. Sondou com o olhar as moitas na várzea do vale, esconderijo da pobre menina. Sentiu-se ela, quase imediatamente, agarrada pelos braços hercúleos do índio Beb-Quai. Arrastou-a, sem a mínima piedade nem compaixão, através do cipó emaranhado. Da ilha Beija-Flor até Rebojinho, foi levada na mesma canoa com que Leleco e Manuelzinho tinham ido buscar os selvagens, de cuja emboscada fatal ambos caíram vítimas. Enquanto uns poucos guerreiros atacavam os indefesos habitantes da ilha solitária, os chefes da tribo em companhia de cunhãs e guris, ficaram esperando no barranco do Rebojinho. Carmina, com os olhos arregalados de pavor, no meio daqueles indivíduos embrutecidos, contemplava estupefacta a incompreensível tragédia na qual se viu tão de repente enleada. Nem uma palavra, nem uma lágrima; — só uma agonia muda e atônita lhe ia pela alma quase insensibilizada. Lançava um olhar furtivo para as águas do lago da Mutua, esperando ainda divisar um pontinho escuro: uma canoa que viesse subindo, para libertá-la. Mas que angústia desesperadora ao constatar que nada aparecia no horizonte em que pudesse vislumbrar um raio de libertação.

Ali, a poucos passos diante dela, se abria o portal da horrorosa prisão do vasto, insondável matagal! Inevitavelmente...

Da beira baixa e arenosa do Rebojinho, os selvagens rumaram por uma vereda que conduzia, em direcção sudeste, para dentro duma capoeira rasteira, cheia de cipó d'água. Antes disso, uma turma dos guerreiros, chefiada por um índio alto e muito forte, Tangrure, se apartara do grosso



da expedição, rumando então Xingu abaixo, para continuar na sua faina sinistra de saquear as choupanas dos seringueiros.

Daí para dentro, começava a mata, misteriosa e sombria. Carmina sentia, a cada passo que dava, mais e mais se perder no caos medonho do infinito, labiríntico matagal. Percorreram caminhos ínvios, arrastando a menina quase desnuda, ora lhe sangrando as mãos e os pés nas lascas agudas dos arbustos rasteiros, ora ferindo o corpo no cipó japecanga e jacitara, cujos espinhos de 5 centímetros causam dores horríveis, como uma esporada de arraia, ou ferroadada de caranguejeira.

Não havia caminho aberto por onde andarem. Tinham de abri-lo, através de cerrado mato garanchoso, a braçadas e golpes de facão.

Que tortura à pobre prisioneira as diversas espécies de formigas de que a mata está fervilhando: a picadura da "tucandeira" ou da "tracoe", a qual não larga a vítima; e de tantos outros tormentos!

Caiu a primeira noite de exílio na floresta: Grilos, besouros, carrapatos, bichos invisíveis de toda parte, mergulhados na escuridão, próximos e longínquos, saíam dos seus esconderijos nos troncos derrubados e podres, de furnas e tocas, como que para ensaiar seu concerto noturno.

Carmina estava em companhia das cunhãs, mulheres índias, e havia sido entregue à esposa do tuxaú "Oket-Kotiare". As índias procuravam ser bondosas para com a menina branca, dizendo-lhe incessantemente: "Má-printire, meitire, patoine". Mas Carmina não entendia aquela linguagem estranha e gutural. De vez em quando tremiam seus lábios, denotando a profunda saudade da exilada, enquanto lhe escapavam do seu coração atormentado as palavras ansiosas: "Ah, minha mãezinha, a Senhora ainda estará viva?"...



TRÊS REPRESENTANTES DOS TERRÍVEIS BEIÇÕES



1) À esquerda, INDIO VOLTANDO DA CAÇA
2) No centro, ESPERANDO A MÃO CAIR-
DOSA DO MISSIONÁRIO
3) INTERIOR DUMA MALOCA DE ÍNDIOS

Palavras essas, por sua vez ininteligíveis para as índias, incapazes de aliviar-lhe o sofrimento d'alma.

Ao redor da fogueira crepitante, as cunhãs, de cócoras, preparavam o jantar. Era um festim, pois podiam comer peixes moqueados com a gostosa farinha dos cristãos.

Ali mesmo adormeceram, deitadas sobre folhas secas. Carmina deixou-se ficar ao pé de um tauari, debaixo da sacupema: abrigo em forma cônica formado por raízes grossas fora da terra. Não conseguiu, porém, a menina pegar no sono. O corpo lhe doía, como se houvesse sido chicoteado o dia inteiro. A pele, ferida de tantos espinhos venenosos, queimava dolorosamente. Os carapanãs zuniam ziguezagueando em volta de sua cabeça; pirilampos flutuavam silenciosos, como flocos prateados, fosforescentes. Soluçava baixinho, sentindo-se ela presa como num cemitério de gigantesco teto vegetal donde sair não se pode. Deitada assim de costas, acordada debaixo do docel de raízes, encimado pela camada opaca de folhas e galhos inumeráveis, quedava lá, naquela escuridão tenebrosa, a jovem Carmina, jazendo imóvel, ... sepultada viva.

"E aqui tendo somente os gemidos do vento,
As lágrimas do orvalho, a triste solidão;
Sujeita à paz do eterno esquecimento,
Até que morra de saudoso - meu próprio coração".

Altas horas da noite.

Nuvens tênues, aos poucos, avolumavam indo escurecer aquela noite de luar, sobre e em redor da compacta floresta virgem. Lufadas desencontradas sacudiam as copas folhudas das árvores seculares. Os troncos pareciam rangir. Os galhos secos estalavam, cada vez mais açoitados pela forte ventania desencadeada. Fuzilavam raios, varrendo de luz sulfúrica o caos da selva bravia. E a escuridão que logo se seguia, tornava-se ainda mais tétrica e lúgubre. Trovões estrugiam, retumbantes. A fúria da tormenta tropical, com toda a sua ameaçadora imponência, rasgou a serenidade da noite, havia pouco tão plácida. Caía chuva grossa e copiosa, apagando desde logo a fogueira das índias. Horas de pânico essas, na convulsão dos elementos conflagrados, ao rugir a tempestade violenta no bojo trevoso da selva.

Carmina tremeu de frio e terror. Pareciam horas intermináveis, até que afinal os primeiros albos matutinais dissipavam as nuvens, e raios de sol vinham salpicar de manchas douradas o solo menos brenhoso do matagal.

Começou de novo a tortura da caminhada, pela mata a dentro, onde depois de pouco tempo já não encontravam aquela trama intransponível de cipós e arbustos baixos, nem o chão semeado de

fôlhas de tucum, cujos espinhos tanto faziam sangrar os pés da prisioneira. A pele dos pés dos índios, endurecida pelo eterno caminhar por atalhos matosos, torna-se igual a couro, e permite-lhes pisar nos espinhos e silvedos, em tocos e pedras.

Carmina sentiu, pois, um alívio, quando divisava uma estrada limpa, de duas braças de largura. Foi-lhe então possível ver quantos os selvícolas eram, sendo que na véspera andavam espalhados em pequenos grupos. O número das mulheres e crianças índias não passava de setenta. Além dos poucos guerreiros que se tinham apartado no Rebojinho, outros ficavam na retaguarda para defender-se contra eventuais perseguições de seringueiros. Para este fim entrincheiraram-se ao longo da estrada, emboscados atrás de troncos grossos das árvores. Um terceiro grupo que tinha ido caçar, voltou para a estrada larga.

Contaram que tinham topado com um bando de queixadas. A caçada de porcos do mato não é sem perigo. Uma dentada deles basta para derrubar um homem: Investem contra o caçador que em poucos minutos é inteiramente despedaçado. Aproximam-se os índios do rebanho, havendo bastante número de sentinelas deles nas árvores, os quais daí atiram primeiro com flechas. Mesmo que escape do cerco certa quantidade de queixadas, outra, ao menos a metade, vai servir-lhes de alimento.

A mata do Alto-Xingu é riquíssima em caça de toda espécie de quadrúpedes: anta, veado, galheiro, caititu, paca, jaboti, macacos guariba, coatá, cuxiú ou de cheiro, etc.; aves mutum pinima, mutum fava, jacu, jacamim, araras, a grande família de inhambus, e tantas outras.

Mas de que valeria toda a riqueza de caça aos selvícolas, se não fossem ótimos atiradores. Seguram na mão esquerda um molho de flechas e o arco, com a direita esticam a corda com elegância e naturalidade, aparentemente sem grande esforço. Atiram as setas com incrível rapidez, uma logo após outra. Seus tiros, quer em sentido horizontal ou vertical, são de muita precisão.

Os arcos são lisos e longos, de 1 metro e 70 centímetros até 2 metros e 20 cm. Conhecem, além do tiro horizontal, da mesma forma, o de elevação. Atirando para o alto, fazem o projétil cair de ponta exatamente sobre o alvo mirado. A finalidade prática do tiro de elevação, é de poder acertar, em caso de guerra, no inimigo oculto atrás de um barranco ou qualquer outra barreira longínqua.

As flechas são muito compridas e obedecem a vários feitios. A flecha para caça grande (onça ou anta) tem uma ponta aguçada e lisa. A fle-

cha de osso, munida de uma farpa presa com fios ebreu, é arma de guerra. Usam os caiapós ainda flechas de pontas diferentes para a pesca. Não costumam, porém, besuntá-las com curare ou suco de plantas venenosas, como outras tribos têm o vício de fazer.

O filho da selva não teme enfrentar caça grande. Mesmo que numa luta de corpo a corpo com uma onça, ela lhe arranque um pedaço de carne, ele quase sempre sai vencedor.

Os índios comem grande variedade de frutas da mata: do jatobá, maçaranduba, do caju. Mas a predileta é a amêndoa da castanheira. É uma árvore que alcança enorme altura. Da mesma família é a sapucaia, cujos ouriços são maiores. No mês de dezembro, isto é: no princípio da estação das chuvas tropicais, começam a cair os ouriços amadurecidos: O índio caiapó, ávido de comer a deliciosa amêndoa, não espera a época da madureza. Trepça com agilidade de macaco pelo tronco da castanheira, segurando-se nos cipós que à maneira de cabos finos e grossos se penduram da altura e enlaçam os troncos. Uma vez chegado em cima deixa-se o destemido balançar nos galhos mais altos.

Pela tarde do terceiro dia, ouviram os indígenas, que para a longa caminhada não tinham conduzido água suficiente na taboca, o rumor duma queda d'água. Abriu-se diante deles um igarapé de 7 metros de largura, aí formando uma cachoeira muito alta. As frondes cerradas cobriam qual um pátio as águas escuras e marulhantes, que espumavam borrifando. Enche a solidão selvática com seu sussurro monótono: o igarapé da Fortaleza, que pouco mais de uma hora acima da ilha Beija-Flor, emboca no Xingu.

Quando os índios não encontram riacho algum, sabem saciar a sede de outra forma. Não é possível levar bastante água para se abastecer nas interminas caminhadas pelo sertão árido.

Cavam numa grotta, que é uma depressão do terreno, a chamada cacimba, até encontrar água. A natureza é maravilhosa: se na força do verão nem a grotta der um pouco de água potável, então há outros recursos que não falham. Corta-se o cipó da cruz ou o cipó de fogo, chamado sambaíba: de seu âmago corre lentamente um líquido que mata a sede. Maior quantidade tira-se da imbaúba. Cortando as raízes que correm em cima da terra, sai delas uma água rosácea. É naturalmente preciso conhecer estas espécies de cipós. O selvagem, habituado desde menino ao nomadismo que é sua vida, é dono de todos os segredos da mata.

Carmina ficou com algumas cunhãs repousando na beira do igarapé, enquanto os homens foram flexar peixes. Passado algum tempo, atravessaram o riacho, to-

mando direção sul. — Não deviam estar longe de um grande acampamento, aonde Carmina tinha de seguir também, quisesse ou não.

Embrenhada que ela estava na profundidade selvática, continuou todavia confiando na intercessão de São Félix, o qual talvez a desentranhasse daquele profundo cerrado florestal em que se sabia enterrada viva.

“Não chora, menina”, disse a mulher do tu-xaúa, “que isso não tolero! Vê la adiante; já estamos perto da nossa maloca”.

RUMO AO ACAMPAMENTO ÍNDIO

O grupo numeroso que levava a morte à ilha Beija-Flor, aproxima-se do grande acampamento além da Serra da Fortaleza. Entre as mulheres e crianças índias de pele negro-azeitona, caminhava a jovem branca, raptada dos cristãos. Sua tez alva estava ruborizada pelo calor e pelas manchas sanguíneas, em consequência de arranhões.

O sol a pino batia-lhes em cheio no rosto. Os olhos semicerrados de Carmina, revelavam uma profunda tristeza. Teve um estremeamento em todo o corpo, quando se viu diante da pequena cidade selvagem, no reino bravo dos índios gorotires. Mal podia reter as lágrimas de indizível saudade ao ver-se entregue, como filha adotiva, àquela mulher indígena do temível cacique da tribo.

“Da ilha formosa, distante, saudosa
Chorando, gemendo meus prantos de dor,
Eu guardo a imagem querida, honrosa
Do mais abnegado, materno amor...”

Uma calma mortal pairava sobre o grande acampamento, que em larga curva oval se estendia por ambos os lados da estrada larga. Cada uma das duas curvas bilaterais, constava de três fileiras paralelas de ocas. Estas cabanas, os tapiris ou “Krikrés”, como os gorotires as chamam, são de uma construção primitiva. As portas, baixas e estreitas, dão para a praça que fica no meio da maloca oval.

Como os gorotires levam uma vida nômade, não constroem aldeias permanentes à testa das quais esteja um aldeia-chefe. Encontram-se por isso muitas capoeiras e outros vestígios de acampamentos abandonados.

Com a inesperada chegada do grupo de índios na praça ampla, antes deserta, esta começou a encher-se gradativamente dos habitantes lá malocados. A tranquilidade costumeira do meio dia, transformou-se repentinamente numa algazarra confusa. Exclamações dos índios que vinham saindo de seus tapiris como formigas; gritaria ruidosa de papagaios, araras, periquitos trepados na cumeeira dos “Krikrés”; latidos de tucanos amansados; grande zozada de toda a espécie e em toda a parte.



MÃE ÍNDIA COM SEU FILHINHO



FABRICANDO FLECHAS



ÍNDIA VELHA SENTADA NA SOMBRA

Enquanto isso, gente de toda idade rodeava a menina branca, olhando-a curiosamente. Beb-Quei-Poi, a mulher do tuxaúá, querendo tirar a jovem prisioneira aos olhares descaridosos, levou-a com certa afeição para a choupana. Ai deu por gestos a conhecer que ela se sentasse na esteira no chão. Os índios dormem numa esteira ou sobre folhas no chão, em redor da fogueira, que fica fumegando dia e noite. Daí que suas moradias são afumadas e nada confortáveis.

As cunhãs descarregaram os cestos, cheios de espelhos roubados dos cristãos. Não são os homens mas as suas servas, que carregam o peso dos cestos às costas. Firmando-os pela base, na cintura, seguram-nos na parte superior com uma fita de cipó, que lhes passa ao redor da frente. Também o trabalho da construção de cabanas e de plantação da roça corre por conta das mulheres. Devido a isso é que quase todas as cunhãs gorotires apresentam altura menor do que a dos homens.

As mães têm grande amor para com os seus filhos. Carregam a criança, suspendendo-a ao pescoço por meio de uma tira de embira. Desde pequenos, os meninos aprendem confeccionar arcos e flechas, e as meninas, enfeitar-se para as festas. Ainda crianças exercitam-se na dança, os meninos separados das meninas, formando fileiras como os adultos.

A educação dos filhos não exige dos pais muita paciência. Sem que inculquem aos guris nenhum princípio moral, reduz-se a educação a que os adestram à valentia, à defesa da tribo, a odiar os cristãos, à caça, pesca, confecção de arcos e flechas, e a se ataviarem conforme sua moda primitiva. A constituição masculina é a de um estado militar, obedecendo toda vida social a um só fim: criar uma raça forte de valentes guerreiros. Sua bravura é conhecida; causa verdadeiro pavor, não só aos seringueiros, mas também às tribos vizinhas. Destas já foram muitas por eles dizimadas, e algumas até exterminadas.

Não decorreu uma hora, e entraram os guerreiros, que tinham ficado na retaguarda, cantando na praça do acampamento. Por fim, chegaram também os caçadores, cujo lance fôra realmente feliz. Trouxeram de sua expedição pela mata e ao longo das margens dos igarapés, grande quantidade de jabutis, veados, queixadas, macacos e caças pequenas.

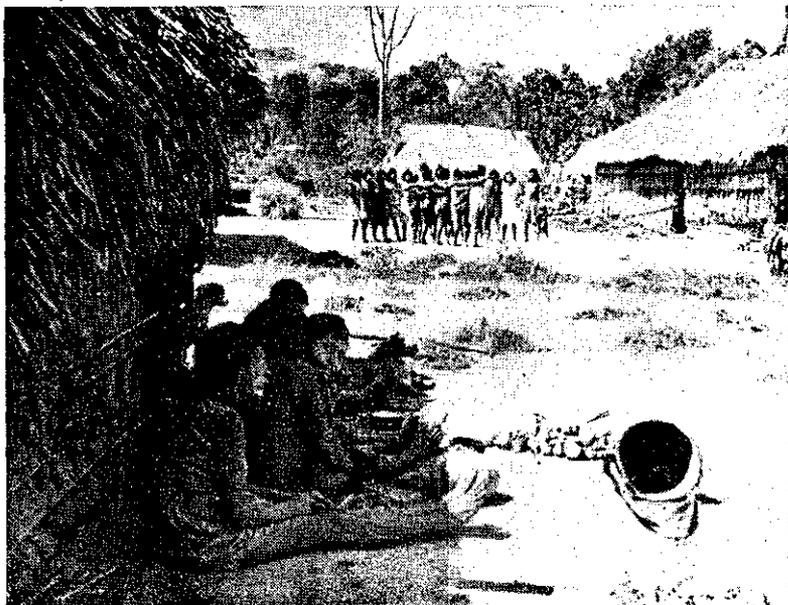
A tarde inteira reinou a mais febril atividade em todas as palhoças e nos recantos do acampamento. As velhas, debaixo das árvores, tratavam de moquear a caça e de preparar o beiju. Para este fim abriram um buraco nas cinzas quentes duma fogueira, e lá depositaram a massa ralada da mandioca. Cobriram tudo depois com brasas e cinzas. No fim de algum tempo, puseram a descoberto um grande bôlo tostado e cheiroso, que não seria desagradável se não tivesse tanta cinza e um sabor um pouco azêdo. Do mesmo modo moquearam muitos jabutis, junto com casco duro. (Jabuti é um quelônio que difere da tartaruga por não ser aquático, nem tão grande.)

Na entrada duma palhoça, estava sentada uma índia velha, catando piolhos. Depois pegou num pente primitivo de madeira, e passou-o rispidamente pelos cabelos de sua netinha. Mães raspavam com uma navalha de bambu, a parte superior do crâneo das filhas, em semi-círculo, substituindo o ornato natural dos cabelos por desenhos bizarros, e acabando por deixar cair no ápice umas gôtas cheirosas da aroeira. Prevalecem duas côres: preto, aplicado com tições apagados, e o encarnado do suco de urucu. Estas pinturas, tão grotescas no crâneo feminino, têm, afora enfeite, mais outra finalidade: As mães procuram por meio delas afugentar qualquer espírito que, conforme suas crenças, se atrevesse a atentar contra a saúde e vida de suas filhas. Sendo já moças, pintam elas mesmas o seu crâneo, depois de rapado pela mão materna.

Os índios velhos passavam o tempo fazendo flechas e enfeitando capacetes, destinados à próxima festa noturna. Os guerreiros, repousando da grande canseira, estavam estirados em despreocupado desleixo, sobre folhas largas de bananeira braba, na casa espaçosa só a eles reservada. Uns cochilavam, outros fumavam cachimbo, dando a cada momento cusparadas em todas as direções.

Carmina, muito abatida e cansada, encolhia os membros doloridos. A pele lhe ardia, como se estivesse queimada. Sentia-se com febre. Fazia um calor mórno. O "Krikré" do chefe da tribo era um só compartimento, sem divisão de paredes. Carmina, enfadada pela catinga característica no interior das ocas, olhava distraída pelo espaço meio escuro. Entre as palhas do teto estavam fixadas muitas flechas, e nas paredes penduradas os enfeitos variados de penas: um cocar de alvos flocos de penugem de gaivota; várias armas, troféus de guerra, que ela sabia terem sido em parte os rifles dos seringueiros da ilha Beija-Flor.

Enquanto os índios, apaixonados pelas festas de dança, se preparavam para uma noite festiva, por motivo do êxito com que o saque entre os cristãos foi levado a termo, e pelo aprisionamento de 3 brancos da povoação de Beija-Flor, fez a mulher do tuxaúá esforços para distrair sua filha adotiva. A pobre menina, brutalmente privada dos carinhos maternos, tinha de aceitar a mulher do assassino de seus pais como sua mãe, — forçosamente.



AS MOÇAS FORMARAM FIGURAS

HOMENS ALTOS E MUSCULOSOS

NOITE DE
FESTA PAGÃ

Ao cair da tarde, quando a selva na linha do horizonte, para o lado do poente, tinha as copas mergulhadas num mar de sangue, os índios já estavam preparados para a importante cerimônia.

Homens altos e musculosos entraram em cadência no terreiro liso da praça. Eram guerreiros, vistosamente adornados com capacetes de multicores penas de araras, mutuns, gaviões, gaivotas. Eram de aspecto espantoso: rostos berrantemente pintados de vermelho e negro.

O tuxaúa Oket-Kotiare ostentava, majestoso, o grande cocar de penas vistosas. O "oiangara", médico-feiticeiro, trazia na cabeça um maravilhoso diadema trançado de penas curtas e finas, de cores muito lindas. No meio daquele cocar salientava-se um penacho fino, negro-branco, da ave mutum-pinima. Os guerreiros, além dos capacetes, traziam pendurados nas costas e orelhas, brincos de longas penas de arara vermelha. Nos pulsos e nos pés usavam pulseiras de fibra e braceletes de algodão. Ornavam ainda o peito largo dos guerreiros, colares, feitos de dentes de macaco, onça ou de outros animais selváticos. Os homens pareciam ser mais vaidosos que as mulheres, as quais — além da pintura bizarra — só tinham como adorno pulseiras abaixo dos joelhos e ao nível dos tornozelos, feitas de algodão ou de embira.

Ao som de uma cantiga, os rapazes guerreiros e as moças formaram longas fileiras, evoluindo em variadas figuras. Não usavam nenhum instrumento de música. Agarrando-se às mãos, voltaram todos em cadência rápida, jogando o tronco para a frente e batendo fortemente os pés. Às vezes uniram-se dois a dois, ou três a três, passando os braços pelos ombros dos compartes. Ora avançaram um ou dois passos, ora recuaram quanto tinham avançado — já abaixando, já levantando o corpo, ao mesmo tempo que o canto se fundia numa onda uníssona: "Hé-hé-há-hé, hé-hé-há-hé, vainire, vainire, hi-vai-há!..."

Sem grande variação na melodia, o canto assemelhava-se a um gemido cadenciado, com altos e baixos, que se sucediam com simetria, para acabar numa última emissão de voz, baixa e prolongada. Por vezes o canto parecia um verdadeiro ulular de fera. Havia, no entanto, um quê de empolgante naquela rudeza selvagem de vozes e gritos, queixumes e gemidos melancólicos, com requebros progressivamente mais violentos e o rijo bater dos pés sobre o terreiro liso de barro.

A penumbra da tarde, que já morria por completo, para dar lugar ao negrume da noite misteriosa, tornava ainda mais fantásticos os gritos rudes que enchiam a placidez noturna no coração da floresta. Do centro do terreiro, línguas compridas de chamas galgavam o firmamento, e na feérica vermelhidão das labaredas passavam aquelas silhuetas exóticamente pintadas de negro e urucu, como fachos humanos, envoltos nos arabescos rubros projetados pelo vivo clarão flamejante. Saltitavam, saltavam, avançando e recuando, incansavelmente.

A beira de pequenas fogueiras que ardiam diante de cada palhoça, as índias velhas chupavam o nojento cachimbo, denotando sua satisfação.

Carmina, meio deitada no chão, apoiava o dorso à parede da choupana do tubixaba. Tinha a cabeça pendida e o rosto escondido nas mãos, alheia ao que se passava em torno dela, tendo por únicos companheiros os seus pensamentos muito saudosos. Ninguém lhe falara, há dias, salvo umas palavras ininteligíveis do linguajar indígena. Veio-lhe à mente a imagem da choupana paterna com os seus moradores, um por um. Chorava, então, como uma menina desamparada, até de novo se lembrar de que podia contar com a proteção onipotente de Deus. Brotavam-lhe agora orações suplicantes dos lábios trêmulos, orações duma alma pura e inocente, entre as quais o ato de esperança. Não, não estava sôzinha no mundo! Também naquele túmulo do cerrado interior florestal, tinha permanecido na presença divina.

Adormeceu ao depois, quieta e sossegada. O excesso de fadiga e prolongada insônia fez sonhá-la com as felizes lembranças dos dias de sua primeira Comunhão. Viu-se ao pé da imagem do Santo Protetor, enquanto a Virgem do Céu a cobria com o seu manto maternal, para que o instinto impudente dos pagãos selvagens em ruidosa festa, não fôssem violar o lírio alvo de sua castidade, da menina cristã.

A lua não tardou a surgir orlada de fimbrias prateadas, jorrando sua luz frouxa sobre o acampamento dos gorotires. Imprimiu ao ambiente selvático um caráter tetérrimo como se repentinamente fôssem transformados em bastidores dantescos, servindo à encenação de um drama em alto grau misterioso. Como mariposas doidas bailavam no ar as fagulhas da grande fogueira, quando começou a "dança de guerra".

Uns duzentos guerreiros postaram-se em fila de um. Sobraçaram a borduna,* dura como ferro. A do tuxaúa e dos três primeiros guerreiros, sub-chefes da tribo, eram revestidas de tecido de palha, semelhante ao desenho da pele da surucucu. Outros guerreiros seguravam arcos e buzinas de bambu que, tangidas em tempo de guerra, fazem um alarme infernal.

O chefe Oket-Kotiare, comandante do temível exército, deu o sinal. Eriçaram todos o busto e deram, em linha de combate, uma grande volta em redor da fogueira. O canto deles ia aumentando de tonalidade, havendo ora ecos de pranto, ora termos de amor de exaltação e ódio, e então de arrôjo e bravura.

A dança guerreira passou, em seguida, a ser mais apaixonada, quando exibiram a dança dos "Kuben-Kankren", seus ferozes inimigos na região das cabeceiras do Xingu, no planalto mato-grossense. Berravam uma mistura de exclamações ardorosas e ameaçadoras: "Ha, ha, ha, há, — No-ai, a-nau-é, no-ai, a-nau-é, No-ai, a-nau-é, ha, ha-ha-há, a-kui-tiá, han-tiá, Han, no-hin, ôko-ré, uku-man, ui-zó, ná-ne-ten."

* Tacape comprido

O ritmo rápido dos seus movimentos saltitantes cada vez mais se animavam. Em grande círculo sucediam-se os extasiados guerreiros, levantando as armas, agitando os braços, expelindo gritos semelhantes a uivos, roncões e guinchos, alternadamente. Tudo num impulso de traduzir todo seu arraigado ardor pela luta, e todo seu orgulho pela vitória alcançada.

O clarão da fogueira já fôra diminuindo, quando finalmente deram o tremendo grito atordoador, com que a medonha canção belicosa terminou.

Carmina estava dormindo. Esboçava-se no seu rosto angélico um sorriso, como se os Anjos lhe contassem no sono que um dos guerreiros da tribo ia fazer uma tentativa para libertá-la.

REVOLTA CONTRA O TUXAÚA GOROTIRE

Passaram-se uns meses depois daquela noite de festa tumultuosa.

O escuro véu que impenetrável e inexorável se estende sobre o Alto-Xingu, desejariamos poder rasgá-lo inteiramente, para revelar o novo e sangrento drama que desta vez se desenrolou no próprio seio do acampamento guerreiro. Acontecimento êsse que tanto contrastou com aquela expansão de júbilo irrefreável da festa noturna, ocorrida na mesma praça central da aldeia.

Havia uma rebelião de alguns guerreiros da tribo contra o temido tuxaúa Oket-Kotiare. Entre os nomes dos conjurados figuravam o de Tangrure e Patoite.

Oket-Kotiare tinha dado ordem para formar um grupo reforçado de guerreiros que fôssem atacar o forte barracão de Pôrto-Seguro, que distanciava menos de um dia de viagem da ilha Beija-Flor, Xingu abaixo. Um pequeno grupo de guerreiros, com o robusto índio Tangrure à frente, opôs-se à vontade do pérfido cacique. Antes queriam uma aproximação pacífica.

Oket-Kotiare votava ódio mortal ao Capitão Coelho, dono do barracão, e aos demais cristãos do pequeno povoado. Empregando a mesma tática de traição como no assalto a Beija-Flor, parecia-lhe fácil alcançar pleno êxito. Bem sabia que o barracão de Pôrto-Seguro não era uma fraca palhoça, mas uma verdadeira fortaleza na margem do Xingu. Pensava, e com razão, que a astúcia muitas vezes prevalece sobre a força. — A atitude do índio Tangrure e dos seus partidários, que revelavam certa simpatia pelos moradores de Pôrto-Seguro, levou Oket-Kotiare à extrema crueldade.

Numa bela manhã, o acampamento amanheceu com o aspecto de uma praça de guerra, — não para esperar fazer uma carnificina de inimigos estranhos, mas um fratricídio.

Num abrir e fechar d'olhos, uma luta selvagem desencadeou entre os dois grupos. Assobiou pelo ar a primeira flecha; seguiu-se uma lança, voando pela curta distância: o combate entre os irmãos da mesma tribo estava travado, já irrevogavelmente.

A algazarra dos instrumentos de guerra, misturada com os gritos e prantos das mulheres e crianças, era horrorosa. As índias bramiam como enloquecidas. O terrível rumor bélico patenteava os instintos ferinos da horda selvagem. O terreiro da praça tingia-se com o sangue dos contendores fratricidas. Na ânsia desvairada de vencer um ao outro, rastejavam alguns guerreiros com seus corpos desnudos pelo chão, tentando assim desfechar um golpe sorrateiro no grupo dos antagonistas. Que estivessem eles mesmos por isso sangrando, em consequência do atrito contra o duro terreiro, não se lhes dava. Queriam vencer os adversários, a todo custo.

Não houve mais o fantástico aspecto de guerreiros a executarem suas pacíficas dansas festivas, mas de um sanguinolento teatro de guerra.



O VIGOROSO GUERREIRO PATOITE, FLECHANDO PEIXES



PATOITE, O MENSAGEIRO SELVAGEM

Os belos cocares de penas vermelhas da noite festiva, eram agora substituídos pelas manchas de sangue nos crâneos fendidos. Uma tremenda confusão de poeira se via levantada por toda a parte; corpos agarrados, tombados, e pisados. Caía, a cada instante, a pesada borduna na cabeça do inimigo, numa renhida luta de corpo a corpo.

Carmina assistiu com indizível angústia a essa tragédia pavorosa, temendo que se aproximasse o seu próprio fim. Coruscou-lhe um pálido raio de esperança nos olhos, quando de repente viu que o partido de Tangrure, apesar de menos numeroso, estava ganhando. Pois, sendo êle amigo dos cristãos, seria a vitória de Tangrure talvez a única possibilidade de libertação. Não teria ela, nesse caso, mais de temer o desumano Oket-Kotiare, quando estivesse derrotado.

Duas fortes bordoadas que o índio Patoite nesse momento levou, causando-lhe profunda ferida nas costas e quebrando-lhe o braço esquerdo, marcou uma fase decisiva da batalha. Patoite, o mais valente dos revoltosos, estava inesperadamente inutilizado. Sua repentina ausência da peleja, deu ganho notável ao partido do tuxaúa. Enquanto a borduna lhe caía da mão, fugiu Patoite mata a dentro, correndo às tontas. Mas o vingativo Oket-Kotiare, a cujos olhos vigilantes nada escapava, mandou imediatamente agarrar a mulher e os filhos dêle, que foram logo estupidamente mortos e estraçalhados.

Patoite, ao longe, escutava gritos desesperados dos seus entes queridos. Sua vingança seria horrível; não se daria por satisfeito enquanto não lhe tivesse aplicado a pena de talião. Também para poder tomar tal desforra, é que êle queria salvar a sua vida, por mais difícil que isso fôsse. Correu, correu; era só que fazia. Apesar de exausto, tinha êle o louco desejo de correr mais, e de galgar o massiço do cipoal, em busca de um abrigo seguro.

Estacou um instante. Levou a mão direita ao coração, tentando reprimir as palpitações muito violentas, pois dificultavam-lhe o escutar os ruidos distantes na mata. Deitou-se então cautelosamente, encostando seu ouvido treinado ao chão: percebeu de uma distância longínqua um ruído estranho. Espiou logo naquela direção, mas sem enxergar nada de índios que o perseguissem. Não duvidava, porém. Vieram no encalço dêle. Deviam estar perto. Oket-Kotiare não deixaria que êle fugisse, e nunca lhe perdoaria. Se os guerreiros o conseguissem capturar, seria fatalmente trucidado.

Patoite não sabia quanto tempo já tinha corrido. Notou que a luz do sol ia enfraquecendo. Assim êle não poderia prosseguir na sua fuga, porque o crepúsculo tropical só persiste pouco tempo. A escuridão noturna ia sem demora impossibilitar-lhe a visibilidade, impedindo que fôsse mais adiante. Sondou com seus olhos penetrantes o ambiente emaranhado. Viu uma gigantesca castanheira. Muitos cipós trepavam pelo pé da árvore acima; outros pendiam do alto como cordas rijas. Olhou para cima. Agarrou com a mão direita o tronco, e começou a içar-se, num esforço sobrehumano: pouco lhe podia ajudar o braço esquerdo quebrado. Conseguiu trepar até uma bifurcação de dois galhos grossos na qual se emboscava. A noite vinha caínda rápida e envolveu com seu manto caliginoso o improvisado tapiri do fugitivo, na copa folhuda da castanheira.

DESDE PEQUENOS APRENDEM MANEJAR O ARCO

Não tardou que o ruído dos perseguidores que se aproximavam, ficasse cada vez mais nítido. Já vinham tão perto que Patoite podia ouvir as injúrias tremendas que lançavam contra «o traidor». Perderam, com a cerrada escuridão florestal, a pista salpicada de sangue de seu co-irmão ferido. Mas, de vez em quando, rumores distantes de passos e galhos quebrados deixavam Patoite de novo receoso que fôsse descoberto no seu abrigo aéreo. Bem sabia que os selvícolas descobrem os mais vagos vestígios: um ramo quebrado, um galho que ainda se agita; não há que aos olhos exercitados de bugres passe despercebido.

O intervalo de silêncio que mais e mais se prolongava, aquietara Patoite, enquanto sentia o corpo desfalecer pelo muito sangue que já tinha perdido. Sêde lhe requeimava a língua; faltaria com que saciá-la até ao dia seguinte. Só podia, por enquanto, tratar de fazer estancar o sangue que ainda escorria de suas feridas. Arrancou uma liana fina e fêz com ela uma atadura improvisada, mas a qual nem por isso deu certo.

Restava-lhe ainda o grande esforço de passar a noite, lá no seu abrigo alto, sem se mexer nem pregar olho, afim de não correr o perigo de tombar no precipício em baixo da bifurcação dos dois galhos. Era assim uma noite de luta imperiosa entre a força de sua vontade e a fatalidade irresistível.

A alvorada do crepúsculo matutino encontrou o índio desventurado em triste vigília. Tendo estado a uns duzentos palmos acima da terra, fôra obrigado a ficar insone, imóvel e continuamente irrequieto. Fêz agora as primeiras tentativas para esticar os membros endurecidos e deixou, em seguida, devagarinho escorregar-se ao longo do grosso tronco rugado da castanheira. Apenas pôs os pés no chão, apavorou-o a desastrosa probabilidade de estarem próximos os seus algozes. Desatou, incontinenti, numa fuga desabalada. Correu, arisco que nem um veado espantado, arrastando-se depois, esbaforido pelos apertões mais



intrincados, o mais ligeiro que pôde. Evadiu-se tropeçando, caindo, ora erguendo, ora curvando o corpo, fugindo pelo matagal de vegetação rasteira, alta, densa e compacta.

Patoite tinha de aguentar, durante cinco longos dias, o calor da soalheira bravia e os perigos do cerrado ou mato agressivo. Pouco era a atenção que êle prestou ao uivar prolongado dos lobos, às onças que enchem o espaço com seu rouquejar soturno, aos veados rompendo a macega, às antas que derrubam paus estrepitosamente, às capivaras que roncam de medo, ou às queixadas que batem os dentes como matracas. De pântanos marginais, sapos entoam o crá-crá noturno, enquanto a cotia tímida, o coati medroso e a paca solitária quedam encolhidos e trêmulos, como espavoridos pela soturnidade das horas noturnas na região florestal. Macacos, dos galhos onde se encontram, entram a porfiar com os jacus, jacamins, e os môchos caburés, em emitir pios lamuriantes. O tracajá regressa solícito à água, abandonando a cova recentemente aberta na orla duma restinga de floresta onde depositou os ovos, ao passo que o sapo cunauaru — trazendo, conforme a crença dos indígenas, muita felicidade — entoa seu «hau-hau» noturno.

Pela madrugada, aves multicores começam seu canto mavioso, e voando em adejos volúveis, saúdam cerimoniosas o nascer do sol rutilante.

O socó-boi imita o mugido da vaca; o socoi grita seu «cri-cri» intermimo; jâburus, de cabeça preta, colarinho rubro e pernas brancas, passeiam graves e lentos, espelhando seu alto e desengonçado porte ao longo das ribeiras; dentro da selva esturra a onça suçuarana demoradamente, até que de longe outro esturro lhe responde: dois que se procuram naquela imensidão paradisíaca, para depois, encontrada a fêmea, dar largas aos afetos de há muito sopitados.

Os cenários que a região xinguense sempre de novo revela, em sua riqueza fauniana como vegetal, são inesgotáveis.

Cinco das e noites levou Patoite, nesse ambiente maravilhoso e ao mesmo tempo também agressivo, para chegar, fremindo como onça ferida, à cêrca exterior do Barracão de Pôrto-Seguro. Ai ficou encostado, deitando os braços nos fios esticados de arame.

«Caboclo brabo!...», gritou um menino, do fundo do quintal. Os demais moradores ficaram, de súbito, sobressaltados. Olharam, como repentina-

mente assombrados, pelas janelas para o incauto índio que se aventurara sôzinho a desafiar, ao que parecia, os pacíficos mas numerosos habitantes da pequena vila fortificada. Todos dentro do barracão estavam logo em polvorosa: um correr para aí e ali, num vaivém confuso e tumultuoso.

«Calma, calma, minha gente», exclamou o Capitão Coelho. «Fechem as portas e janelas!»

O dono do barracão ficou com uns auxiliares, armados de rifles, a espiar pelas frestas das janelas trancadas. Pois, era bem possível que aí se tratasse de uma cilada traiçoeira ou de um espião. Mais tarde viriam, se assim fôsse, outros guerreiros para realizar a invasão pre-estabelecida. Todos os seus cuidados para evitar essa calamidade, seriam poucos. Era difícil de supor que, recolhido por compaixão aquêle índio esfalfado e visivelmente abatido, seus companheiros não viriam hostilizá-los, em recompensação.

Patoite, encostado à cêrca, continuou chamando em direção da moradia do seringalista, sem atinar com as manobras rápidas que a transformaram numa fortaleza, inacessível e impenetrável como um carro de guerra blindado.

Observando o índio esfaimado, sem armas, os defensores do Barracão convenceram-se finalmente de que o intento dêle não era mau. Alguns foram ao encontro de Patoite, cautelosos, prevenidos contra qualquer eventualidade. Vendo-o de perto, ficaram com pena dêsse filho da mata, tão horrivelmente maltratado, e deram-lhe entrada na moradia do patrão. Êste, o capitão Coelho, com a competência de um médico, o carinho dum pai e a caridade de um samaritano, fêz tudo para curar as feridas do seu estranho hóspede.

Passaram-se alguns dias.

Patoite já recuperou grande parte de suas forças. Tornou-se mais comunicativo. Estava convicto de que não houve no barracão ninguém que não lhe quisesse sinceramente bem.

Quanto queria êle dizer aos seus benfeitores, apesar de êstes entenderem muito pouco do seu linguajar indígena. Tinha de guardar, por isso, seu segredo (que ia fazer uma tentativa para libertar a prisioneira cristã e o por-quê daquilo) só para si.

Enquanto tentava dar uma insinuação por meio de gestos, proferiu o nome da menina. Deu-se logo algum alvoroço entre os circunstantes.

Estaria ainda viva a Carmina?... Estaria mesmo??...

Se ao menos estivesse agora presente o missionário para traduzir o que estavam muito ansiosos por saber.

A insinuação enigmática não deixou de reavivar as esperanças de todos. Queriam por ora só acreditar no que gostariam tanto que fôsse verdade.



RECANTO SILENCIOSO



ENTARDECER EM PÓRTO-SEGURO

PESCARIA FATAL

Os gorotires, implacáveis no desejo de vingança pela fuga de Patoite, nada deixaram que pudesse desvendar o paradeiro secreto do traidor.

Algumas semanas depois de sua chegada a Pôrto-Seguro, o fugitivo, vagueando pelas vizinhanças, notou que seus patricios da selva andavam rondando o Barracão, em horas irregulares.

Certo dia, ao cair da tarde, os moradores da pequena fortaleza avistaram, não sem grande inquietação, na fralda do morro, um penacho azulado erguer sua espiral para o céu. Durante a noite seguinte ouviram o son surdo de buzinas. Seria isso o sinal de que Patoite estava sendo ansiosamente procurado?

Desapareceram depois os indícios da presença dos selvícolas, de uma maneira inexplicável.

Patoite, como todo índio gorotire fora do seu ambiente aborígene, era generoso, capaz de ações nobres. Queria ser de utilidade ao seu bom «capitão». Cada dia, já muito cedo, ia flechar tucunarés, num lugar piscoso do rio Xingu. Era-lhe grande satisfação entregá-los, ao fim de uma pesca abundante, como preito de gratidão ao dono de Pôrto-Seguro. Tôda manhã via-se Patoite beirando a margem direita, onde o barracão está situado. Passava muito cauteloso, sempre levando rifle e facão. Nunca se distanciava mais que uns dez minutos da casa do capitão. Seria imprudência indesculpável.

Seu lugar de marisco era um trecho de caminho entre grandes pedras em frente duma restinga. Lá ficava assentado, gozando da sombra que a ramaria marginal estendia sobre ele. Ao lado o inseparável rifle carregado, constantemente.



BARRACÃO de PÓRTO-SEGURO



MÃE ÍNDIA *NHO CANGROTI*



NO DIA DO BATISMO



PATOITE SONDANDO O TERRENO

Com intervalos mais ou menos demorados, as vozes tornavam-se assaz nítidas. Patoite não se mexeu. De súbito passou-lhe um estremeçimento pelo corpo. Ficou arrepiado. Pois, reconheceu a voz de Oket-Kotiare, seu inimigo mortal.

«Que viriam eles fazer por ali, àquela hora tranqüila da manhã? Se soubessem que eu estou aqui, já teriam caído sobre mim. Isso de dar tempo para se defender, não é com índios vingativos. A única coisa que me poderia trair a presença, era o cheiro da fumaça do caximbo, mas este havia tempo que se apagou»...

Patoite mal respirava. O momento era dos mais críticos. Só dispunha de três balas. Se os perseguidores, talvez uns sete, o atacassem agora, estaria, na certa, perdido.

Os garotires falavam com vozes mais sumidas, mas assim mesmo o perseguido concentrou-se numa única idéia: ouvir o que eles diziam. Mas como? Não podia acercar-se da emboscada, de forma alguma.

Um vento leve, em direção favorável, tornou-se o invisível transmissor dos projetos do tuxaú. Eram palavras cortadas que ele apenas percebia, mas o sentido lhe foi suficientemente claro. Patoite ouviu da boca odiosa do chefe da tribo o seu próprio nome. Oket-Kotiare parecia mandar que cercassem o Barracão, para matar a todos. Chamou-o de traidor que devia ser quanto antes liquidado, pois Patoite se atrevera a contrariar os planos dele e a fugir covarde e vergonhosamente.

O esvoaçar ruidoso de um par de araras, fulgurantes nos seus trajes de fogo, que voavam e revoavam de um a outro lado do Rio, não lhe permitiu que ouvisse a hora do assalto. E não tardou que o som rasgado dessas aves lhe impedissem escutar o resto da conjuração.

«Araras danadas», murmurou Patoite decepcionado.

Urgia decidir. Não podia demorar-se mais. Presumindo que os perseguidores ficassem ali até as horas da noite, devia ele a tempo prevenir os moradores do perigo iminente. Tinha de salvar a vida dos seus amigos benfazejos cristãos, custasse o que custasse. Urgia pois agir, agir resolutamente. E com a maior brevidade possível.

Sem fazer o menor barulho, pegou Patoite no rifle e pôs-se a rastejar no barranco arenoso, rojando como uma serpente. Avançava cauteloso, despercebido, espreitando. Viu que três dos conspiradores atrás das trepadeiras, estavam virados para o outro lado da mata, espiando-os por uma pequena abertura na folhagem. Chegou o mo-

mento mais urgente e crítico. Perder um segundo seria fatal. Patoite deu, de súbito, um pulo dos mais audaciosos. Disparou o rifle três vezes, em quase só uma única detonação.

Um índio caiu.

Os outros, quando se refizeram da surpresa, já não descobriram nem rasto do heróico «traidor». Esse, num só giro, desapareceu como uma flecha, rumo ao barracão.

Esta vez, Oket-Kotiare não teria mais vontade de dar caça ao fugitivo, que se refugiara na casa dos cristãos de Pôrto-Seguro. Por mais que quisesse liquidá-lo quanto antes, — ainda não tinha chegado a hora do revoltoso, valente traidor da tribo.

VINGANÇA DO GUERREIRO PATOITE

Havia no índio hospedado na moradia dos cristãos, um impulso natural indominável que o instintivamente impelia a voltar aos hábitos de sua raça, a qual considera como um dos primeiros e mais sancionados deveres inatos, a vingança. A lei de aplicar a pena de talião está arraigada na índole dos aborígenes pagãos, mas chega, às vezes, a ser tão bárbara que eles, sem a menor piedade, matam muitos cristãos prisioneiros no caso de um índio ter sido morto por um assassino pertencendo a uma povoação cristã.

Vingança é a paixão dominante dos gorotires. Para se desferrarem são capazes de sacrificar tudo: liberdade e vida.

A caridade cristã ainda não tinha abrandado o coração implacavelmente vingativo do destemido filho das florestas. Mudar em poucos meses os costumes congênicos e o temperamento entranhado dum selvagem adulto pagão, não é nem de longe possível. Só poderá ser o fruto de longos anos em que se coopere, com paciência heróica e grande dedicação, na eficácia da graça divina. Além disso, o desconhecimento da nossa língua, do estranho hóspede, impossibilitou os moradores do barracão de transmitirem qualquer princípio cristão. Podiam curar-lhe as feridas do corpo, mas não as da alma com o óleo balsâmico da fé cristã. Perdoar uma culpa por mera caridade, seria algo inaudito e impraticável e de que, se lhe pudessem ter falado, o pagão, absolutamente, nem teria querido ouvir nem saber.

Patoite já não andava de tanga só. Não cuspiam mais nas paredes das salas, como costumava fazer durante as primeiras semanas de sua hospedagem. Deixou, submisso e dócil, cortar sua bela cabeleira comprida. Aprendera a sentar-se

POBRES CRIANÇAS INDIAS

numa «cadeira civilizada» e até numa preguiçosa bem cômoda, que servia para um cochilo ao velho patrão. Mas apesar de tanta adaptação exterior, sua natureza continuou sendo «caiapó». A seiva bravia que por muitos séculos penetrara em tôdas as fibras de sua nação primitiva, fazia Patoite constantemente sonhar com o prazer que lhe daria o primeiro ensejo de vingar-se do assassino de sua mulher e seus filhos. Poder-se-ia admitir que o índio revoltoso tivesse desistido da vida nômade que levava nas selvas, mas nunca que êle se deixasse persuadir ao perdão.

Com voz chorosa, que ninguém suporia num selvícula em cujo corpo corria sangue indomável das audácias congeniais à raça, evocava o malfadado à sua recordação, dia a dia, a imagem de sua «menire meitire». * Brotava então uma lágrima de saudade dos seus olhos pardos e ameadados, uma lágrima cristalina como a gôta de orvalho, que aos primeiros raios do sol, tremula na folhagem da orla das selvas. Era a lágrima de um selvagem, mais rara que um ôlho-d'água no deserto.

Se o afligisse a nostalgia da mata, ou a desconfiança de um ou outro empregado no barracão que o suspeitasse de espionagem, ninguém podia adivinhar. Certo era que Patoite se tornara cada vez mais taciturno, dia a dia. Passava horas a fio na margem do rio Xingu, como quem espera ansiosamente uma embarcação para viajar. Queria êle talvez fugir, e voltar para sua vida anterior? Será que se ressentia da perda de sua liberdade incontestada dos anos de outrora?

Numa bela manhã, a rede de Patoite, na cozinha do barracão de Pôrto-Seguro, amanheceu sem o dono. Ninguém o ouvira partir no silêncio da noite passada. Nenhum dos dez cachorros-de-guarda tinha ladrado para alarmar os moradores. Passou o meio dia, ... as horas da tarde foram se escondendo, ... chegou a noite ... Patoite não apareceu.

Os que diziam que êle não passava de espião disfarçado, acharam agora sua suspeita sobrejamente confirmada. Pois, fugiu na calada da noite, sem ao menos ter avisado o capitão. Temiam consequências das mais traiçoeiras. O dissimulado iria mais tarde mostrar os designios clandestinos que tantos meses lograra encobrir, — opinavam aquêles desconfiados.

Discutiam os que eram de opinião contrária. «Se êle tivesse intencionado fazer-lhes traição, teria levado um ou mais rifles com certa quantidade



de balas, ... e deram só pela falta do um facão. Era, portanto, sua única arma. Nada mais levou».

A razão verdadeira da fuga inesperada, só Patoite mesmo sabia. Visto a taciturnidade dêle nos últimos dias, não houve de fato entre os moradores de Pôrto-Seguro ninguém que não estivesse com certo receio.

O intrépido selvícula encontrava-se de novo no caos imenso do seu antigo ambiente selvático, que sabia tanto ser pródigo e belo como solúeno e apavorante, mesmo aos filhos que lhe nasceram no seio. Não tinha o índio outro teto senão o céu acima das árvores copadas, nem outra alimentação que algumas frutas silvestres. Sem se importar nada com as trevas cerradas e traiçoeiras na floresta, com fome, sede, nem o perigo de cobras peçonhentas, — Patoite sentia u'a mágoa implacavelmente roer-lhe o coração. Qual febre maligna perturbava-o um cego impeto violento, esquentando-lhe o sangue sem cessar. O que se tinha apoderado dêle, mais do que nunca antes, era sua paixão dominante: vingança irreconciliável.

Sem alteração do cenário, Patoite alcançou, depois de alguns dias de caminhada cautelosa, o matagal ralo nas imediações do grande acampamento dos gorotires. Por uma estreita fenda entre cipós e ramagens folhentas abraçadas, espreitava o vingativo a maloca, a aldeia que outrora também era sua. Lá ficou horas e horas à espera agitado por um misto de saudade e ódio.



O suor escorria-lhe copioso pela face. Sede requeimava a garganta. A cabeça lhe girava qual redemoinho doído. Seus olhos ferozes e maliciosos sondavam apaixonadamente em direção à cabana do tuxaúa, sem dêle descobrir nem um rasto sequer.

* mulher bem apessoada

O ARDENTE
DESEJO DO MISSIONÁRIO

Alguns índios tinham partido, cedo pela manhã, para caçar. Haviam tomado o rumo da estrada principal. Deitado atrás dum pau caído, Patoite vira-os passar, um por um, pertinho. Mas Oket-Kotiare, seu inimigo mortal, não estava com eles. Que oportunidade não teria sido a Patoite, se o pudesse ter cravado de balas, tão de perto. Nem mesmo que lhe tivesse custado a vida. Estaria bem pago, cismava ele zozzo, para logo depois chegar a compreender que a sua oportunidade devia ser bem outra. Não só a morte do tuxaúa era o bastante, capaz de o satisfazer.

Fêz agora uma nova tentativa. A situação era difícil. Pois, a palhoça do chefe da tribo, ficando no meio do amplo acampamento, não permitia ao sedicioso índio que dela se aproximasse sem correr grande perigo. Devia empregar outra estratégia.

Com a precaução dum gato-do-mato, rastejou para uma moita baixa e espessa perto de uma choupana, onde sabia moravam parentes do tu-

que a seguiu atentamente, com os nervos tensíssimos. De fato, Carmina tomou o rumo dum pequeno igarapé* que corre ao longo do acampamento. O filho pródigo das selvas, o perseguido da tribo, perdeu por alguns minutos a cautela que sempre o guiava: a vontade de libertar a prisioneira, fazia-o desprezar o amor que tinha à própria vida. A mocinha inocente não mereceu nada menos, e, do outro lado, seria a libertação dela uma vingança sensível.

Como uma serpente, rojou até chegar à beira do caminho pelo qual ela devia passar para ir ao igarapé. Chegando lá, ela havia passado; não a viu mais. O pretense libertador ficou esperando. Se ao menos pudesse trocar umas palavras agora, para ela talvez dar-lhe uma sugestão oportuna. Conheceria ela ainda Patoite? Dará crédito às suas palavras? Não teria desconfiança, ... medo, ... suspeita?

Enquanto estas dúvidas confusamente atormentavam a mente do índio, Carmina subia vagarosa pela ladeira do caminho, vindo passar assim rente ao local de sua ansiosa espera. Teria sido o momento mais azado para fugir com a menina branca, se umas mulheres índias não estivessem tagarelando a pouca distância. Chamou-a, no entanto, baixinho, escondido entre capim alto: «Carmina, ... Carmina!»

A menina, interpelada tão de surpresa por uma voz que já não reconhecia mais, deu um grito, olhando assustada para o lado donde partia o chamamento. Viu num relance, que era Patoite. Um dos poucos que simpatizava com os cristãos.

As índias que se encontravam junto do igarapé, ao ouvirem o grito, vieram correndo para saber o que tinha acontecido. Carmina soube inteligentemente disfarçar a presença

do amigo pagão. Assentou-se logo na chão, como quem tira um espinho do pé, distraindo assim a curiosidade das cunhãs. Uma pantomima enganosa que a cunhanã presservou de mentira.

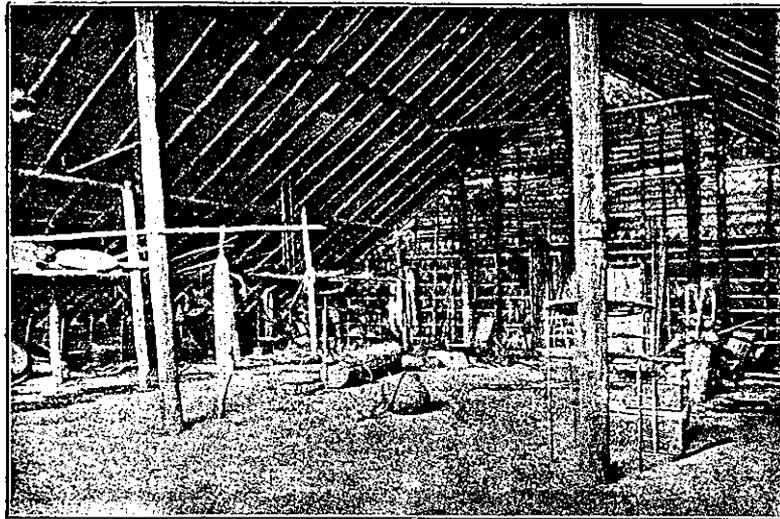
«Carmina», recomeçou Patoite, «cadê Oket-Kotiare?»

«Foi embora», respondeu a menina, na mesma posição de tirar o espinho fingido.

«Carmina», continuou Patoite cochichando, «vamos fugir... Capitão Coelho, ... fugir pela madrugada, ... espero aqui...»

A fisionomia da menina transformou-se repentinamente numa mistura de alegria e receio. Não ousava falar mais; só respondeu que sim. E já vinham índias passando.

Carmina mal podia disfarçar o que lhe ia na alma. Que ansiedade sentia ela, para um dia fugir daquela brutalidade nativa! Que eternidade se lhe afigurou o tempo que aí até então já tinha passado! Havia mais de um ano que fôra arrancada de sua família. E agora, veio alguém dizer-lhe que fugisse. Sentiu-se leve, como se um par de asas a suspendessem no ar. — «Oh, meu Deus», disse numa oração muda, «que coisa feliz. Voltar a ser livre, voltar a Beija-Flor!»



INTERIOR DUMA MALOCA (HABITAÇÃO COLETIVA) DOS ÍNDIOS

xauá. Com isto melhorou sensivelmente sua posição. Ainda encontrava-se bem distante da casa de seu inimigo, mas, ao menos, ficava descoberta e desimpedida a vista para a porta dessa choupana principal. Reanimou-se por alguns minutos, sem despregar, nem um segundo sequer, os olhos da porta baixa, atrás da qual estivesse talvez Oket-Kotiare. Nada, porém, alterou a monotonia das primeiras horas da tarde. Parecia que na palhoça do chefe não se encontrava ninguém.

Índios que não haviam saído a caçar, velhos e inválidos, estavam deitados à sombra de árvores frondosas. Crianças, rolando no chão, brincavam ruidosamente com animais amansados: tatus canastos, coatis, e macacos. Quadro divertido da vida pacífica e bucólica de povo primitivo!

Por fim, quando o sol dourado, já em linha quase horizontal, anunciava o cair da noite, surgiu na porta da palhoça do tuxaúa o vulto de Carmina. Patoite esqueceu todas as horas de espera interminável, radiante que ficou por ter a satisfação de lobrigar a filha de Beija-Flor. Ainda vivia, pois. Fêz logo o propósito de salvá-la da prisão e de levá-la como troféu dessa sua expedição heróica. Seria a melhor prova de gratidão para com a boa gente cristã de Pôrto-Seguro.

Carmina trazia uma cabaça na mão. «Irá talvez buscar água», calculou o índio emboscado,

* riácho

Uma sombra enevoava, de súbito, seus olhos brilhantes. «Voltar a Beija-Flor, à ilha onde nasci, ... mas não tenho mais mãe nem irmãos». E, para não chorar, começou, sem demora, a torrar espigas de milho. A mulher do tuxaúa não devia reparar como lhe ardia o rosto de inquietude, como os olhos estavam entumecidos pela dor que ela não podia chorar. Fazendo como se não houvesse nada de excepcional acontecido, trabalhava junto da fogueira com distração ininterrupta, mas murmurando, fervorosamente, a prece da Ave Maria, como todos os dias àquela hora fazia.

Patoite, depois da rápida entrevista com Carmina, voltou para o mesmo esconderijo debaixo da moita, e sondou com olhares de água as palhoças que no amplo terreiro, com sua vista alcançava. Felizmente havia poucos homens guerreiros; os caçadores ainda não tinham regressado à taba.

As árvores altas projetavam sombras extensas e vagas sobre a cidadezinha indígena, nessa hora do crepúsculo vespéral. O misterioso ciciar de milhares de insetos, grilos e besouros, enchia a atmosfera. A maloca com suas cercanias parecia metamorfoseada em larga fábrica de tecidos, zunzando como o zunido monótono de lançadeiras incontáveis. A sombra da noite ia paulatinamente envolvendo os míseros tapiris aldeados. Crepitavam as fogueiras, lançando fios rubro-negros que tremeluziam até pouca altura, para se então confundirem com o negrume noturno. Um silêncio de chumbo pairava depois sobre o vasto acampamento, de vez em quando cortado pelo som agudo e lúgubre de uma ave aracua.

A prisioneira atribulada, estendida sobre uma esteira de buriti no chão, virava-se a cada instante de um lado para outro. Não conseguia repousar em posição alguma; aflitiva incerteza pelo dia de amanhã tornava-a febrilmente angustiada. «Dar-me-ia a hora da madrugada a libertação, ou talvez — quem sabe — a morte?»

O teto escuro, a fogueira bruxoleante, manchas sombrias e luminosas, paredes, — tudo em redor parecia-lhe estar dansando, ora encolhendo, ora dilatando-se em massa nebulosa, girando em redemoinhos vertiginosos.

«Estaria eu sonhando? Seria um pesadelo? Era realidade o que Patoite dissera?» Suposições das mais contrárias e inverossímeis fervilhavam, sem cessar, em sua imaginação estonteada. A noite toda, estas perguntas ficavam martelando na cabeça da menina, sem que ela afinal conseguisse raciocinar coerentemente. Seu cérebro, já de todo cansado, era apenas susceptível de concentrar-se, através das confusas sensações de esperança exaltada e excessivamente receosa, em uma coisa fixa e firme: «devo dar à fuga a aparência dum rapto involuntário, para não receber cas-

tigo de morte. Pois, se a tentativa arriscada falhasse, que não seria de mim?...

Preciso fingir buscar água no igarapé, mais cedo do que nos outros dias. Deus queira que isso deixe de dar motivo para suspeitas».

Enquanto aí dentro da taba toda a gente índia estava dormindo, lá fora, na calada da noite, movia-se a silhueta da vingança, vigiando alerta. Não se dava por satisfeito, Patoite, com o rapto de Carmina. Seria insuficiente. Ardia em fúria vingativa, tanto que chegou a querer matar todos os membros da família do tuxaúa, inimigo ausente. Então sim, privando-o desses parentes e de sua prisioneira, faria pagá-lo com a mesma moeda. Ah! se pudesse aproximar-se do tapiri desse chefe indigno, para espetar a lança na nuca da própria mulher dele, assim mesmo como



ASPECTO PITORESCO DUMA FESTA NO ACAMPAMENTO DOS ÍNDIOS

Oket-Kotiare fizera com a sua, matando-a estupidamente. Não que lhe faltasse audácia que o impelisse a empreender tal façanha, mas previu que com isso arriscava a vida de Carmina. Era o que devia evitar, por mais que aquilo lhe custasse.

Uma vez que Oket-Kotiare estava ausente, resolveu-se a desferrar o crime dele na família da cunhada. A palhoça próxima ao seu esconderijo era habitada pelo irmão do tuxaúa, sua sogra e mulher com três filhos. Esses últimos, na ausência do pai de família, deviam pagar o tributo da lei pagã de talião: único princípio de direito e justiça dos primitivos.

U'a manhã cristalina vinha despontando e tingia de rosicler o verde escuro florestal. De entre os arbuustos, Patoite já podia divisar, naquele lusco-fusco da madrugada, como as índias velhas começavam os trabalhos costumeiros do dia.

Carmina, um pouco mais cedo que habitualmente, tomou o rumo do igarapé, balançando na mão uma cabaça. Era o sinal combinado entre ela e o índio. Nesse instante Patoite ergueu a cabeça. Fitou os olhos ardentes na palhoça próxima. Ali a mãe da cunhada do tuxaúa mexia na fogueira meio apagada; era uma índia bem idosa, a face côm de cobre, cheia de rugas. Vagaroso, mas com elegância singela, Patoite esticou a corda do arco...

A velha índia, despreocupada, nada suspeitando da ameaça que se lhe estava fazendo a pou-

cos metros de distância, tirou dois tições da fogueira. Segurando-os, soprava com toda a força para avivar, debaixo da cinza alvacentas, a brasa vermelha que restara na fogueira noturna. Nisso, uma seta comprida cortou, zunindo, o ar. A índia estremeceu. Tombou para a frente. Um grito lancinante da vítima, o salto de Patoite, a corrida dos outros desfez, de súbito, a calmaria da manhã.

O assassino, qual jaguar enraivecido, precipitou-se do fundo de sua emboscada, para dentro do escuro tapiri donde a cunhã idosa tinha saído pouco antes, e lá o vingativo sacou o terçado, vibrando um, dois, três, quatro golpes, a torto e direito, na mulher e crianças que dormiam enroladas no chão ao redor da fogueira.

Vingança...

Os poucos segundos que demorou dentro da palhoça, bastaram para que os índios guerreiros fizessem alarme e se armassem de arcos, flechas e cacêtes. Com a mesma rapidez que Patoite e numa raiva furiosa — pois perceberam que era o traidor da tribo — lançaram-se em perseguição dele. Este, já uma boa distância na dianteira, com a mocinha prisioneira debaixo do braço, abriu caminho pelo emaranhado de lianas, folhagem espessa e troncos retorcidos.

Quando o guerreiro traidor já ouviu de perto as folhas ranger debaixo dos pés de seus perseguidores, correu quanto pôde, puxando a menina pela mão.

Uma chuva de flechas compridas jorrou sobre os dois fugitivos. Nenhuma delas os atingiu, devido à espessura massiva da trama de cipós, que colhia em suas malhas as setas mortíferas. Patoite fez um esforço sobre-humano para ainda escapar com o seu troféu vivo, a menina querida dos cristãos.

A sorte, porém, não lhe sorriu: para cúmulo de infelicidade assanhou uma casa de maribondos. Como um enloquecido batia com ambas as mãos para livrar-se desses bichos nojentos, enquanto assim perdeu a orientação. Em consequência das aferradas daquelas vespas, os olhos dele ficaram inchados, mal enxergando para diante. Estancou uns instantes, já bastante desesperado, quando outra desgraça lhe ia sobrevir logo depois. Ficou com um pé lacado em uns cipós, qual um veado em armadilha: tropeçou, caiu e foi bater de encontro a uma árvore. Largou Carmina. Levantou-se imediatamente. Deu um grande salto para a frente de cansaço extremo.

A menina cristã, que tanto gostaria de repor em liberdade, ficou atrás, para de novo ser arrastada à prisão selvática dos ferozes gorotires.

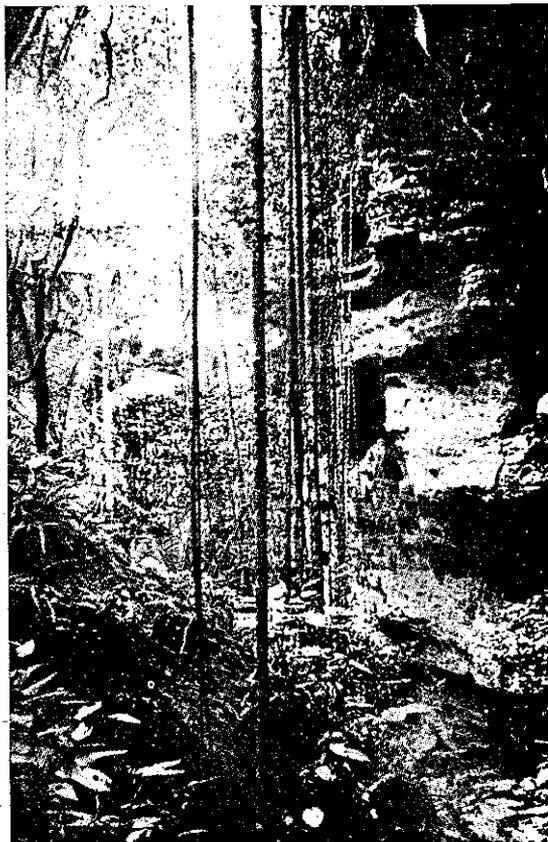
Patoite, ouvindo de perto as afrontas injuriosas dos seus irmãos de tribo, gargalhando de satisfação por terem Carmina em seu poder, — deu um grito prolongado e profundamente pesaroso.

Passaram-se trinta dias.

Patoite, cambaleante, faminto, arranhado em todo o corpo, reapareceu no barracão de Pôrto Seguro.

Com razão perguntavam-se angustiosamente os moradores o que teria acontecido a Carmina, depois dessa ausência misteriosa do hóspede índio. Notando o grande abatimento moral do guerreiro, apagava-se em muitos deles o último raio de esperança de rever a malfadada menina ainda libertada do tremendo cativo dos caiapós.

Estava sepultada, viva ou morta, talvez para sempre, no túmulo profundo da intrincada floresta hostil.



KEN-KRIKRÉ - O TEMPLO FLORESTAL

Um pequeno grupo disperso da grande nação dos gorotires, composto de uma dúzia de guerreiros e outro tanto de cunhãs e guris, rompia a mata do Alto-Xingu, em direção aos Campos da Conceição do Araguaia. Era chefiado por um índio alto, simpático, na flor da idade, de talhe delgado e esbelto, com cutis mais clara do que os outros de sua nação. Tinha a testa cingida por larga fita de embira, enrolando os longos cabelos pretos que caíam negligentemente sobre o pescoço flexível. Tangrure era seu nome. Foi ele quem dirigia a revolta contra o tuxaúa Oket-Kotiare, rebelião a que também Patoite, o malgrado libertador de Carmina, pertencia.

Depois da derrota sofrida, Tangrure se retirou para um pequeno acampamento, no recesso das matas da região do igarapé Coivara, próximo ao rio Fresco. Ai o valoroso guerreiro vencido juntou, ao depois, outros grupos de homens que erravam pela mata, caçando ou indo pescar. Com estas forças unidas caiu certo dia, de surpresa, no acampamento além da Serra da Fortaleza, mantendo seu chefe Oket-Kotiare e levando daí a filha cristã da ilha Beija-Flor. Esta, a heroína virtuosa que tanto acertara nos seus pressentimentos angustiosos quando ela cantou, sobre o comovido, com os demais neo-comungantes:

“Ai, Jesus, que infeliz hei sido,
Quanto penei, longe de ti,
Mas quando a ti hei recorrido
Minha aflição já não senti”...

A mesma menina, que até então muitas vezes tinha experimentado essa consolação agradeceu a Deus que os perseguidores de Patoite a não mataram, e que agora se encontrava fora da taba



A CRUZ PLANTADA NAS SELVAS DO XINGU

dos seus inimigos. Tangrure tinha pelo menos alguma simpatia para com os cristãos. — “Será êle de quem Deus se quer servir para me levar a libertação completa?”, pensava ela esperançada. “A minha fé em Jesus Sacramentado, nunca perdi. Recorrendo a êle, sempre me senti firme e reconfortada, porque sei que me reconduzirá à liberdade, caso seja melhor para mim”.

Estava morto o temível tuxaúa. As lutas intestinas que sob sua chefia surgiram entre os índios do acampamento, multiplicadas por proezas vingativas e excursões sanguinárias, dizimaram grande parte da brava nação dos gorotires.

Tangrure, para evitar surpresas dos selvagens dióres, seus inimigos, que infestam por tóda a parte aquela região sulina do Pará, rumou para os confins das matas e morros invios ao longo das fronteiras do Mato Grosso.

Havia mais de duas luas que invadiram o acampamento hostil do então seu cruel chefe Oket-Kotiare. Os mantimentos que de lá tinham carregado consigo, já se acabaram. Faltando assim milho e mandioca, alimentavam-se só de caça, e raras vèzes, de peixes.

Os imensos castanhais em tóda a bacia do rio Fresco e seus afluentes, preservavam os viandantes de maiores privações.

Varavam aquela zona pelos meses de novembro e dezembro, princípio da estação das chuvas de verão, e ao mesmo tempo, época da maturação das deliciosas amêndoas da castanha. Quatro classes de criaturas igualmente famintas, lutavam pela posse dessa fruta substanciosa: os índios, os papagaios araras, os macacos e as cotias.

Atravessaram um igarapé estreito entre duas margens quase verticais, provavelmente do Ribeirão Vermelho, cujas águas descem impetuosas

sóbre troncos caídos e se rasgam por entre pedras inumeráveis.

A proporção que avançavam os caminhantes, a natureza mudou também de aspecto. Já não era mais aquêlo mato alto, fechado de todos os lados, com uma atmosfera pesada que sufocava a respiração. Também não era mais a paisagem deslumbrante da floresta dos gigantes vegetais, lisos como o tauari, jutaí, pau d'arco, a cajazeira e sumaumeira, ou garranchosos como a castanheira, massaranduba, o pau louro o pequiá; nem o aspecto radioso havia das palmeiras altas e elegantes do babaçu, do aricuí ou da macaúba que povoam as selvas do Alto Xingu.

O caminho apresentava-se mais hirsuto, cheio de tucuns, palmeirinhas baixas e espinhosas. O terreno em aclive que se levantava na frente dos viandantes, e vários blocos de pedras lisas, denunciavam a fralda de um morro alto e alcantilado. Já não gozavam mais a sombra abençoada do pálio verde. Quanto mais subiam a encosta, mais os raios escaldantes do sol lhes tostava a pele. Uma hora antes do pôr do sol ganharam afinal o tópo da serra, depois de muitas vèzes se terem avançado com auxílio das mãos. Os filhos da floresta ficaram extasiados: os olhos de todos fitaram um ponto no horizonte que, ao sol descambado, brilhava qual enorme castelo iluminado, com janelas de vidraças rubras.

Carmina não compreendeu o repentino mudismo dos selvícolas pagãos que a conduziram. “Eh, Carmina!”, acenou-lhe Tangrure interrompendo o silêncio, “Ken-Krikre”.¹⁾ Ela avistou ao longe, num descampado, uma grande rocha branca, alvinhenta. Não viu naquilo, porém, nada que pudesse interessá-la, coisa extraordinária alguma.

Poucas vèzes os índios visitam essa rocha, onde havia uma gruta talhada, em cujos subterrâneos piam um sem-número de grandes morcegos. Na convicção dos selvagens, aquela obra da natureza tinha origem misteriosa. A religião dos caiapós, destituída de culto exterior, reduz-se a crer em poderes ocultos e num mundo de espíritos invisíveis. O lugar da alma,²⁾ não é o céu nem o inferno, mas sim o chamado “Ken-Krikre”, nos campos áridos e desertos, como os há nas imediações das nascentes do Ribeirão Vermelho e do Rio Fresco.

Tal crença na sobrevivência das almas recolhidas no templo florestal ou “casa de pedra”, ainda tem outro aspecto lúgubre: é que a única preocupação do espírito dum índio morto é ameaçar e perseguir os vivos; não só a alma de suas vítimas e seus inimigos, mas até de seus pais e irmãos ou de seu tuxaúa. Esses espíritos parecem invejosos da sorte dos que ainda gozam de vida e saúde. A perseguição dêles atribuem os selvícolas: doença, morte, desgraças quaisquer.

Baseando-se nessa crendice, os índios procuram aplacar a ira dos mortos. É o motivo das canções e dansas fúnebres. Quando um gorotire morre, os índios acompanham o espírito do defunto com gritos e lágrimas. As cunhãs não somente choram, mas ainda sangram sua pele com as unhas, batem-se com pedras, cortam-se com algum instrumento afiado, misturando suas lágrimas com o sangue das feridas que produziram em si mesmas. Tudo isso com o intuito de agradar ao espírito do falecido, para que êle siga, sem demora, rumo ao descanso no “Ken-Krikre”. A despedida que os guerreiros dão a um colega, é antes uma coisa horripilante do que um saudoso adeus ao finado irmão da tribo.

1) Casa de pedra. — 2) Chamado «me-karon».

Adornam-se eles com capacetes de palha, cobrindo toda a cabeça e o corpo até aos joelhos. Executam então uma dança guerreira, cantando em voz áspera ao redor do colega falecido. Terminada a dança macabra, lançam aos pés do defunto os capacetes com horrível grito final, e deixam aos parentes o encargo de fazer o entêrruo.

Se as lágrimas e o pranto das carpideiras índias não forem bastante eficientes para fazer com que o espírito siga logo ao "Ken-Krikré", — a firmeza e o porte decisivo dos guerreiros o fará procurar lá repouso.

Sendo, pois, a convicção dos caiapós que toda e qualquer doença é motivada pela perseguição dos espíritos ou é ocasionada por um feitiço, — uma figura misteriosa da tribo: o "Oaiangara" (pajé) constitui a principal defesa contra tal maleficência.

A profissão, ou antes, a vocação do "oaiangara" é afastar o feitiço ou os maus espíritos que conseguissem introduzir-se nos co-irmãos vivos, aos quais serve de médico-curandeiro. Extrai o mal, deitando a boca na parte infeccionada, e fazendo a sucção indispensável.

A maioria dessas curas é dum resultado fictício. A competência imaginária do pajé caiapó deve seu prestígio unicamente à absoluta confiança que nele depositam. Mas ao enfêrmo, desengano de sua cura, finalmente não resta outra coisa senão entrar desesperado na noite assombrada da morte, para procurar o fim de suas intermináveis agonias no "Ken-Krikré": na casa de pedra dos "me-karones", castelo de morcegos, nos confins solitários do Pará com o Mato Grosso.

Aí está a razão por que o índio, destemido e audacioso nos combates contra feras, flechas ou balas hostis, vai tornar-se um covarde, um desesperado, um fracassado, quando está doente. E o medo da morte que o domina, desde que uma doença a acomete.

Carmina, que já tantas vezes tinha assistido aos curativos drásticos do "oaiangara", ouvido falar do "Ken-Krikré", presenciado as tristes lamentações e gritos plangentes das cunhãs junto a um finado, e admirado as grotescas pinturas feitas por ocasião das festas da tribo, — agora, ao avistar o templo selvagem, compreendia melhor o sentido de tudo aquilo, e menos estranhava a miséria profunda da vida e morte dos pobres indígenas pagãos.

Começou, mais do que nunca, a sentir por eles íntima compaixão. Índios que tinham andado pelos arredores de São Félix, falaram a Carmina do "Ken-Krikré", lá em cima do Morro da Graça, querendo assim referir-se à capela católica. Mas que contraste! Ela viu agora diante de si nada mais que um labirinto de pedras e grotas. Sentia uma saudade imensa do verdadeiro "Ken-Krikré", da capela de São Félix, onde Deus, nosso Pai amoroso, habita com os homens de boa vontade.

Com sinceridade heróica, pediu Carmina que a graça divina conduzisse os seus algozes à luz da esperança cristã, a qual ilumina a vida e morte dos que foram remidos pelo preciosíssimo Sangue de Cristo.

Não entraram no "Ken-Krikré" pagão.

A boa distância passaram pelo templo florestal, como por lugar vedado, e foram-se rumo ao desconhecido...

JUNTO AO TÚMULO DOS MASSACRADOS

Tivessem embora as tentativas de Patoite até agora não logrado nenhum resultado positivo, ainda que a Carmina continuasse sendo prisioneira dos índios, — a povoação da ilha Beija-Flor não tinha abandonado a esperança de revê-la um dia. Caso fosse necessário, os próprios seringueiros iriam abalancar-se à arriscada aventura de fazê-la quanto antes escapar. Um dever de caridade, que de um dia para outro, tornou-se cada vez mais urgente.

Um tal "Manduca caboclo", filho da tribo jurunas, foi com mais três outros seringueiros arriscar uma segunda expedição, em agosto de 1940, cerca de 3 meses depois da carnificina praticada na ilha Beija-Flor.

Depois de um dia e meio de caminhar, deram com uma estrada de duas braças de largura, que calcularam conduzia a um grande acampamento dos índios. Avançaram cautelosamente, sem encontrarem — por felicidade — nenhum guerreiro.



Quando caiu a noite, deixaram a estrada e internaram-se na mata espessa, afim de que o índio, casualmente transitando, não descobrisse que havia por ali perseguidores inimigos.

No dia seguinte, vislumbraram afinal o grande acampamento. Na beira da estrada havia a pouca distância uma tocaia, feita de palha de açai. Nessa emboscada foram esconder-se, para espreitar a chegada de quem quer que fosse, com as armas em prontidão.

O vasto acampamento era construído em forma oval. No centro havia um campo limpo de mais ou menos 50 metros quadrados, destinado para dansas festivas. De cada lado estavam 3 fileiras de umas 50 barracas; cerca de 300 moradias ao total, de tamanhos desiguais. Havia barracas de 8 ou mais fogos, cada um dos quais correspondia a dois índios. Daí pode-se tirar a conclusão que a aldeia deles, a taba, era bem numerosa.

As barracas, de construção ligeira, eram feitas de troncos finos do açazeiro, e cobertas pelas folhas da mesma palmeira. As paredes eram tapadas com folhas de cacau brabo, e o chão forrado com palha do açazeiro. A entrada era no oitão que, por sua vez, olhava para a praça entre os dois semi-círculos de barracas. A altura de cada oca era de um homem; a largura apenas suficiente para um adulto poder nela deitar-se. Bem na entrada do acampamento, notaram os quatro seringueiros um tapiri mais notável, provavelmente pertencendo ao tuxaúa. Havia lá uma rede atada, de uma travessa á outra, embora os índios geralmente não façam uso da rede. Era feita a modo de uma tarrafa de pescar, trançada de malhas de embira. O tamanho dela era o duma rede para uma pessoa de uns 12 anos. Era pois óbvio que os homens da expedição julgassem ver a rede da própria Carmina. Ficaram, com esta descoberta, muito mais esperançosos.

Do centro da praça dobrava uma estrada bem tratada, plana, sem capim nem folha. Foram caminhando, talvez uns 100 metros, quando toparam com uma sepultura. Pelo fato de estar perto um pau óco com mel bastante fresco, e de encontrar em cima do túmulo cabelos compridos, cheirando a óleo de mutamba, muito usado pelas cunhatãs como loção, calcularam que no máximo podia fazer 5 dias que tinha sido enterrada uma mocinha. Era a Carmina, a julgar pela cor dos cabelos. Ficaram muito decepcionados e aflitos. Chegaram então um pouco tarde demais para libertá-la das mãos bárbaras dos selvícolas deshumanos. Retiraram-se pesarosos. Que deviam dizer quando estivessem de volta na ilha Beija-Flor? Se fizessem menção daquele túmulo, quem teria coragem de fazer outra tentativa para pô-la em liberdade? Não tinham, afinal, absoluta certeza de ser a enterrada, lá perto do acampamento, a menina de Beija-Flor. "O que devemos fazer", disse um deles aos três companheiros, quando já avistaram a sua ilha, "não percamos a esperança, por pouco fundada que seja. Rezem para a volta, ou... o repouso da alma dela".

A uma hora da madrugada do dia 7 de agosto de 1941, uma pequena expedição embarcava em possante canoa, na margem do barracão de Porto Seguro. Era composta do capitão Coelho, do missionário que viera de São Félix, e de seis fortes remeiros. Levavam consigo bastante armamento, entre outros um excelente mosquetão que, logo de início, ia causando uma desgraça. O rapaz que o segurava, julgando que a arma estivesse descarregada, começou a brincar com o gatilho. O capitão, com a escuridão da noite e preocupado que estava com a arrumação da canoa, não podia ver nem impedir essa perigosa brincadeira. Não tardou muito que uma fortíssima detonação fizesse todos no barco ficarem lívidos. Felizmente, a bala deixou de vitimá-los. A expedição, no entanto, começava sob maus auspícios.

O alvo da peregrinação noturna eram os mortos da ilha de Beija-Flor. Desde o massacre praticado pelos índios, ninguém tinha mais pisado naquele lugar de triste lembrança. A primeira parte da viagem, durante o resto da noite, foi semelhante a uma visita que se vai fazer aos mortos no dia de finados. — Silêncio sepulcral.

Uma formosa noite de luar derramava uma régia solenidade sobre as águas. Das margens distantes ouviam-se o ronco abafado dum bando de mutuns, e o canto noturno dos jacamins. De mais longe vinha um rosar de onças que em grande quantidade, nessa época do ano, passeiam nas longas praias de areia, farejando os ninhos de ovos de tracajá. Essa pequena tartaruga põe

seus ovos na areia, deixando o sol chocá-los, de julho até agosto.

Pelas 5 horas da manhã, quando o horizonte tornou-se de cor opaca, um úmido nevoeiro desceu do alto e cobriu a natureza em sono. O missionário que até então acompanhara com seu olhar sonhador o astro da meiga luz, deixando-se embalar pelos seus mágicos reflexos, foi sacudido por um frémito de frio. Surgiu na sua lembrança, vivamente, a imagem dos massacrados, que ele amava e conhecia como ovelhas do seu rebanho. Amava-os, ainda depois de mortos: o verdadeiro amor transpõe o túmulo.

Já era pleno dia quando a força do sol conseguiu suspender a branca mortalha da névoa intensa, e instantaneamente, numa luz ofuscante, emergiu lá longe a ilha Beija-Flor. Uma fumaça alvejante se elevava de toda a parte, como as nuvenzinhas alvas do turbilho durante o "libera me" ao pé de um esquife sobre um catafalco.

Singrava a canoa o longo estirão do lago da Mutua, cuja extremidade superior fechava a ilha do destino. Que imensa alegria era outrora para os habitantes dos confins do Alto-Xingu, a chegada do missionário à sua humilde choupana! Como as crianças já de longe lhe extendiam as mãozinhas, pedindo a bênção... E agora? Um hábito de morte veio ao seu encontro. Ninguém saiu das casas. Silêncio de um cemitério, por toda a parte.

Subiram o barranco. As casas ainda estavam intatas, com apenas as portas desmanteladas. Entraram na primeira das choupanas. Toparam lá logo com uma cruz. Era o túmulo da Dona Odete, mãe de Carmina. Sairam; mais em baixo entraram no defumador. Estavam lá 3 cruzes. Foram enterrados no mesmo local onde haviam os massacrados tombado, em maio do ano anterior.

Junto ao cruzeiro do túmulo de Dona Odete, no meio da sala, foi armado um altar. Manchas de luz corriam sobre as brancas toalhas, infil-



trando-se pelo telhado de palha da cabana. Essa pobre saleta que fôra o cenário de gritos de socorro e de lentas agonias, tornou-se o Calvário donde correu misticamente o Sangue Sacrossanto, derramado para abrir a mansão da eterna claridade dos páramos celestiais.

Contemplativos e como revendo os horrores que se passaram nesse mesmo ambiente, os remeiros assistiram ao santo Sacrifício da Missa. Juntamente com o cálice, o missionário ergueu uma súplica: "que a filha cristã fôsse libertada das garras dos selvagens pagãos".

Mais do que as façanhas e os ardis heróicos do valente Patoite e dos destemidos 4 seringueiros, valeu aquela súplica junto ao túmulo da mãe de Carmina.

Chegou em março de 1942, de Conceição do Araguaia, a notícia da libertação da menina cristã. "Perseguidos e dizimados por seus inimigos, vieram fugindo, rumo ao sul do Pará, índios gorotires. Chegadas a uma fazenda de cristãos, pediram socorro e proteção. Em sinal de paz e amizade, entregaram

a boa menina Carmina, aprisionada no violento e sangrento ataque que fizeram às moradias da ilha de Beija-Flor, dentro do grande seringual pertencente a Pôrto-Seguro no Alto-Xingu, ataque em que tombaram a mãe, o padrasto e os 3 irmãozinhos da infeliz menina.

Na última investida contra esses fugitivos, ela correu, consciente ou inconscientemente, — e afinal deixaram-na aqui".

A cabeleira verde, revolta e emaranhada, da floresta do Alto-Xingu, sacudiu-se com o inopinado vento libertador. Os insulados de Pôrto-Seguro deliraram, comovidos pela palpitante alegria mal contida, que lhes acabava de sobrevir.

Concretizou-se, finalmente, a esperança cada vez mais esmorecida, que nos corações de alguns já se apagara...

Abriu-se o escuro portal da verde prisão... Sai, illesa, a filha cristã da ilha Beija-Flor.



Santa Teresinha, celeste Padroeira das Missões, ajudai os nossos heróicos missionários, para que consigam ganhar os pobres filhos da selva para a verdadeira religião e a civilização cristã.

PAZ AOS ASSURINI
9-5-71

PP. ANTÔNIO E CARLOS
LUKESCH
Santa Teresinha
do Menino Jesus,
Padroeira das Missões

PP. ANTÔNIO E CARLOS LUKESCH
1 ANTRÓPOLOGOS AUSTRIACOS